

ANDRÉ BALAIO
CECILIA GARCIA MARCON
CLÁUDIA LEMES
JEFFERSON FIGUEIREDO
MAIK BARBARA
NICOLE AYRES
PAULO SOARES D'ALMEIDA
VALENTINA SILVA FERREIRA
RYTA OLIVEIRA
VALTER DO CARMO MOREIRA
VILTO REIS
WESLEY MOREIRA-DE ANDRADE

PULP FICTION

REVISTA DE CONTOS/ 4^A EDIÇÃO
TEMA: ALFRED HITCHCOCK/SUSPENSE
SETEMBRO DE 2016

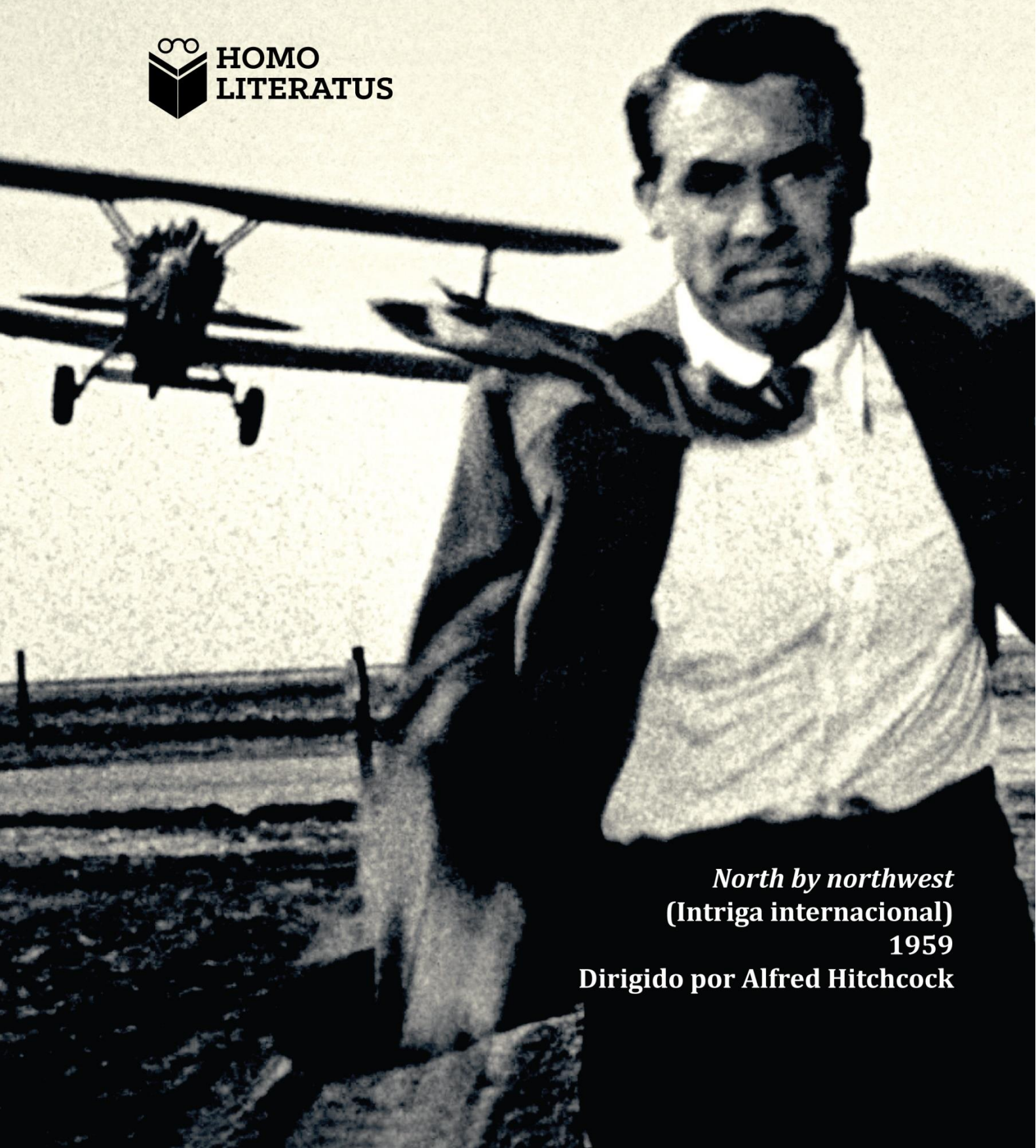


HOMO
LITERATUS

Nocaute

PULP FICTION

Nocaute



North by northwest
(Intriga internacional)
1959

Dirigido por Alfred Hitchcock

EDITORIAL

Hitchcock teria feito alguns filmes dos contos dessa revista. Ou talvez não. Afinal de contas, ele preferia narrativas simples, que pudesse recriar no cinema. E os contos publicados são excelentes.

Detalhes à parte, esta quarta edição completa um ano de Revista Pulp Fiction.

Continuamos com nossa meta. Queremos tornar conhecida, exposta e projetada uma parcela diferente da ficção produzida no Brasil. O desafio foi o de sempre. Entre mais de duzentos contos, selecionar dez. Sempre nos perguntam por que não publicamos mais contos. Bom, é um conceito da revista. Valoriza mais quem é publicado – ou seja, se você foi um dos selecionados, comemore. Se não foi, continue escrevendo.

Novas oportunidades surgem. Relaxa.

Na última página, você encontrará o tema do próximo número da revista.

Importante: estamos considerando tornar a PULP FICTION semestral (não tá sobrando tempo pra tomar cervejas. E isso é cruel).

Esta edição estará disponível para leitura em PDF, Mobi e Epub. Também no SKOOB, para que vocês avaliem os contos.

A versão impressa continua um sonho. Quem sabe na próxima.
Boa leitura!

EDITORES:

Jefferson Figueiredo

Vilto Reis

CAPA E PROJETO GRÁFICO:

Vilto Reis

REALIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Homo Literatus

Editora Nocaute

Rear Window
(Janela Indiscreta)
1954
Dirigido por Alfred Hitchcock



ÍNDICE

DENTRO DO BOSQUE Jefferson Figueiredo	08
DOCE SENTENÇA Rita Oliveira	13
ESCRAVOS DE JÓ André Balaio	23
MAR VERMELHO Paulo Soares d'Almeida e Valentina Silva Ferreira	30
O DIA DA CAÇA Nicole Ayres	38
O DIABO ESTÁ NOS DETALHES Vilto Reis	42
O ESTRANHO Cláudia Lemes	47
O PORÃO DO 9 DEDOS Maik Barbara	55
OLHOS DE CASSANDRA Wesley Moreira de Andrade	64
VOUYER Cecilia Garcia Marcon	71
<hr/>	
ESPECIAL:	
O DEUS DO MEU TÁXI Valter do Carmo Moreira e Vilto Reis	81
TEMA DA PRÓXIMA EDIÇÃO DA REVISTA	91

Jamaica Inn
(A estalagem maldita)
1939
Dirigido por Alfred Hitchcock



DENTRO DO BOSQUE

Por Jefferson Figueiredo

Maria

Não tenho certeza do que aconteceu. A noite fora ótima até então. Como chegamos àquele final desastroso? Nós quatro fomos ao apartamento de Enzo. Tadinho, se sente tão sozinho por ser o único solteiro do grupo. Trocamos abraços e entramos. Enzo é um fofinho mesmo. Tinha a casa arrumada e bem ajeitadinha. Como combinado, primeiro cozinhamos e depois assistimos ao filme. Ninguém discutiu. Somos uns amorezinhos. Preparamos massa à bolonhesa e almondegas. Para acompanhar, um vinhozinho que encontrei em promoção. Vinho branco suave. Três garrafas. Prefiro vinho tinto suave bem doce, mas, como tinha de agradar a todos, fiz o sacrifício. Paulo e Laura ficaram na sala. Ela tem um jeitinho desastrado e foi melhor para todos. Assistiam televisão e conversavam em voz alta para não perder o contato. Que amores. Paulo é mais quieto e se manteve compenetrado em um programa de esportes. Conversamos enquanto comíamos. Houve umas farpinhas aqui e ali, nada demais. A comida ficou maravilhosa. Enzo sabe muitas coisas, inclusive como fazer um jantar delicioso aos amigos. Todos bebemos vinho, exceto Paulo, que tomou a cerveja que encontrou na geladeira. Bem geladinha, ele disse. Estávamos felizes pela reunião. Enzo lavou a louça e Laura secou. Antônio disse ao Paulo que o filme japonês que veríamos não era original, e sim uma adaptação de dois contos de um escritor também japonês. Amo Antônio e por isso estamos juntos, mas me sinto envergonhadinha quando ele dá uma de espertinho. Como a limpeza da cozinha demorou, Antônio colocou um disco de jazz para ouvirmos. Eu adoro essas musiquinhas, mesmo sem saber o nome e por quê. São gostosas, ainda mais com um bom vinho. Os dois finalmente terminaram a loucinha e então nos acomodamos para assistir o filme. Eu fiquei abraçado com Antônio e a Laura do lado dele. Paulo se acomodou na poltronazinha e Enzo, como um bom anfitrião, se sentou no chão. Se pudesse, pararia a noite neste instante e evitaria o que aconteceu a seguir. Eu continuei bebendo enquanto assistíamos ao filme – o queridinho do Enzo tinha uma garrafa de vinho tinto suave. A luz apagada e o filme preto e branco não ajudaram. Eu comecei a me perder. Não notei o movimento de Enzo rumo ao corredor e mal percebi que Laura caminhou no mesmo caminho. Minha cabeça estava pesada e minha visão, turbada. Acho que dormi, pois então ouvi os gritos e Antônio saiu correndo para apartar a briga. Laura gritava muito, tadinha. Enzo se sentou do meu lado no sofá. Estancava o sangue com a palma da mão. Pobrezinho. Ainda tonta, me levantei e fui ao banheiro para pegar o kit de primeiros socorros.

Antônio

Tudo foi muito rápido. Rápido como uma corrida de carros de alta velocidade na qual não se pode acompanhar os movimentos mínimos

detalhes. Sentados no sofá, assistíamos *Rashomon*, um belíssimo filme de Akira Kurosawa, quicá um dos melhores filmes já feitos por todos os diretores. Então, como eu dizia, estávamos sentados no sofá. Eu na ponta, do lado esquerdo, é claro, sempre esquerdo, com o braço direito em volta dos ombros da Maria. Ela usava um vestido vermelho sangue com flores azuis, verdes e amarelas do tamanho de uma unha de criança e se alongava até um pouco acima do joelho. Laura estava do outro lado do sofá, à direita, é claro (por que somos tão óbvios mesmo nessas escolhas pequenas da vida que no fundo não fazem nada além de revelar de forma indelével o que somos?). Passei a mão no meu bigode e olhei para Paulo. A besta olhava pela janela, arrotando com discricção excessiva para não ser visto por ninguém enquanto assistíamos *Rashomon*. Isso foi por volta da metade do filme. A mulher do samurai morto iniciava a sua versão dos fatos e eu tinha muitas ideais em mente a fervilhar naquele exato instante. A genialidade de Akira Kurosawa, a também genialidade, mas não tão grande, de Ryonosuke Akutagawa, a verdade de que a noite não poderia, de forma alguma, terminar bem depois do jantar. Entenda, a noite entre um grupo de amigos pode dar errado desde início e nossa reunião foi um exemplo digno de exemplificação aos mais desatentos. Chegamos os dois casais, Maria e eu, Paulo e Laura, ao apartamento de Enzo no horário marcado previamente. Houve um olhar, aquele olhar muito mais longo que o normal entre Enzo e Laura. Um fio de luz e angústia, quem sabe? Quando ele levantou abruptamente para ir ao banheiro, tive certeza de que os olhos se cruzando de forma tenra queriam dizer o prenúncio de um grande desastre. Paulo pode ser um ogro burro, no entanto é forte como um cavalo e obstinado como poucos homens na face da terra podem ser. Não ia gostar de ter um protótipo de Woody Allen nos anos sessenta, cabelos grandes, desgrenhados, óculos de armação e físico de intelectual que come salada, tomando a sua mulher. E tem aquela história. Enfim, no jantar ficou claro que Paulo também notou algo e deu duas tiradas, bem pensadas, com certo humor muito mais elevado do que se espera de um frequentador de academias. Todos ficaram quietos. Ele voltou para a sala e terminou de assistir uma reprise de uma partida de futebol de um campeonato regional ou estadual que tinha certa importância. Tentei explicar-lhe a genialidade da obra que estávamos por assistir, mas como um matuto teimoso, ele preferiu fingir que não me ouvia, o que não me impediu de forma alguma a dizer o que deveria dizer. De novo Laura e Enzo criaram um clima. Eu, sem querer, é claro que foi sem querer, ajudei a criar a cena colocando um dos discos de Enzo para tocar. Peguei *A love supreme*, de John Coltrane, e deixei o jazz enevoar o ambiente tenso por causa dos conchavos. No fim – juro que agora é o fim –, Paulo foi atrás de Enzo no corredor. Maria estava bêbada, como sempre fica quando sabe que a situação ficará fora do controle, me impedindo de avançar antes de Laura para evitar o pior. Quando cheguei, Paulo estava com a mão direita sobre o ombro esquerdo, dedos renitentes, e Enzo jogado no chão, segurando o rosto no qual um volume de sangue inacreditável corria e manchava o tapete retangular com padrões de flores amarelas e folhas em azul turquesa que se centravam numa grande grinalda ao centro.

Laura

Foi como entrar num bosque enevoadado no qual a certeza de que seríamos dragados sem chance de retorno era certa. Ao passar pela entrada do prédio de Enzo, senti-me cruzando um portal sem volta cujo

inferno eu estava predestinada a atingir e sofrer pelos erros de então. E havia Paulo. Gosto de chama-lo de minotauro, pois apesar de humano, a parte besta é a que me interessa de verdade – principalmente nas zonas erógenas ao sul do equador. Antônio não conseguia parar de falar, uma matraca elétrica disposta em frente a um autofalante. Pobre Maria. Todo esse encontro fora ideia dela. Não nos víamos, os quatro, há tanto tempo. Um laço perene que se desintegrava em praça pública. Para evitar caso, fiquei na sala junto ao Paulo. Ele assistia um programa sobre vôlei e eu olhava para a imensidão da noite. Quase nunca conversamos além de sexo, sobre quando vamos fazê-lo, quantas vezes foram feitas naquela semana, novas posições etc. Nos damos bem com esse lago entre nós. Então fomos ao banquete. Massa à bolonhesa. Muito gostoso, um manjar. Conversamos amenidades. Falamos de amigos, de traições, de quem tinha se separada, quem trabalhava onde. Viu fulano? Ficou sabendo que... Esse tipo de ponto de contato comum a todos menos Paulo que não fazia a mínima ideia de quem eram. Aí começaram as provocações. Paulo não pode beber vinho. Se toma um gole, tem reações alérgicas e pode até engasgar. Uma noite fiz com que ele tomasse meia taça e terminei no pronto socorro. Ele não gosta de admitir tais fraquezas na frente de desconhecidos. Com educação, perguntou se poderia tomar cerveja. Enzo não perdoou. Que idiota. Um homem desse tamanho e não pode tomar um vinhozinho. Cuidado para não passar mal, Van Damme. Certas pessoas guardam dentro de si uma caixa com os piores sentimentos existentes e Enzo é uma delas. Se acabamos, em parte, foi por causa disso. Ele sempre humilha os outros. Depois veio outra piada sobre e Paulo se manteve firme. Adoro Maria. Como se nada estivesse ocorrendo, ela nos conduziu aos campos verdes de uma conversa lisa e sem atritos. Depois de comer, me ofereci para lavar a louça com Enzo enquanto os outros deslizaram para a sala. Antônio não parava de falar e Paulo ouvia com atenção mesmo que seus conhecimentos sejam um tanto limitados. Pedi que colocassem música e Maria pôs *Stardust*, de John Coltrane. Tinha planejado dar um ponto final naquele labirinto que fora nosso relacionamento. Ainda amo Enzo, todos sabem. Confessei a Paulo uma noite e ele disse que era normal, também se sentia atraído por uma ex de anos. Há um homem muito interessante atrás da fachada. Na hora, no entanto, lavamos a louça sem trocar palavra. Fomos assistir ao filme. *Rashomon*. Enzo adora Kurosawa. Na metade, bebendo uma garrafa extra de vinho com Maria, notei que estava ébria como os deuses. Me levantei e fui direto ao banheiro. Tentei abrir a porta e alguém gritou dizendo que já sairia. Era Enzo. Todos ouviram. Paulo foi o primeiro a surgir. Minha cabeça girava como um furacão. Ele saiu do banheiro enquanto meu corpo se projetava para frente. Paulo se projetou para me salvar e Enzo lhe deu um soco direto no nariz. Não tenho certeza de nada a partir daqui, pois estava tonta e as vozes se misturavam.

Enzo

Não queria que tivesse esse jantar. Para ser sincero, se Maria não insistisse muito e eu não gostasse tanto dela, nada daquela noite teria ocorrido. Gosto de Antônio, mas acho-o um tanto petulante. Laura sempre se fazendo de coitada. No fundo sei que foi ideia dela nos reunir para criar uma situação e ela sair como vítima. Sempre acontece. Não há outra razão para termos terminado. O pior que ainda a amo. Vendo-a chegar junto ao seu novo namorado, vi meu mundo desabar. Todo aquele jeito coquete de desentendida e petulante tem seu charme. Dei graças a

deus por ter ajuda apenas de Maria para preparar a comida. Cozinhei massa à bolonhesa porque sabia que era o prato preferido dela. Não sei quanto aos outros, mas para mim não é nada fácil manter o controle sobre si. Sou alguém quieto, mesmo recluso, e tenho controle sobre mim a maior parte do tempo. Então surgem essas situações e eu fico sem saber como agir. Enquanto comíamos, bebi vinho e comecei a deixar a escapar coisas que não deveria. O namorado dela, Paulo, me olhava com cara de quem me mataria. Até ofereci cerveja para ele depois de ter ouvido a triste história que ele não pode beber vinho. Maria insistia em lembrar em ocasiões nas quais éramos os dois casais amigos e a situação ficou tensa. Paulo me encarava – o pior é saber que ele tinha razão. Na hora de lavar a louça, ela insistiu em me ajudar. Os três voltaram para a sala e começaram a conversar. Fiquei feliz ao ver que Antônio e Paulo se distraíam falando sobre jazz. Colocaram *My favorite things*, de John Coltrane. Laura insistiu em puxar assunto e perguntar se eu não sentia falta dela. Nem sempre é fácil manter a compostura e eu disse que sim, óbvio que sinto. Por acaso você sente? Talvez, ela respondeu. Do sexo principalmente. Era bom, pensei. Tive que fugir de mim mesmo e dela para não agarrá-la ali. Fomos ver ao filme que Antônio insistia em assistir: *Rashomon*, de Akira Kurosawa. Não prestei muita atenção. Tinha a cabeça longe. Não me compreendia e nem o porquê terminara com Laura. Fugi para o banheiro. Ela veio atrás e começou a me agarrar. O namorado dela apareceu, furioso, e partiu para cima dela. No reflexo, acertei um soco nele e logo a confusão aconteceu. Ela chorava nos meus braços e dizia que nunca mais queria me perder.

JEFFERSON FIGUEIREDO é graduado em Letras pela UFRGS, é coeditor do Homo Literatus, participante do podcast 30:MIN e idealizador da revista literária Pulp Fiction..

Spellbound
(Quando fala o coração)
1945
Dirigido por Alfred Hitchcock



DOCE SENTENÇA

Por Rita Oliveira

«Sim. O corpo está completamente morto. Morto. Fiz questão de certificar-me disso. Não estou a dar-te novidade nenhuma, eu sei... Mas vamos admitir que é um morto bonito, não é? Fiz de propósito. Não quis tirar-lhe o que ele tinha de mais gracioso. Superficialidades, portanto. Tive em conta isso para que o funeral fosse de caixão aberto. Confesso que não quero que fiquem com tão má impressão minha... Que não me considerem um monstro. Apenas alguém que, loucamente, amou. Apenas.

Tomei a liberdade de tratar-te por “Tu”, espero que não te importes...»

- O que raio é isto?!

- Uma carta. Uma carta que me parece incompleta, não sei. Estava em cima do cadáver. Penso que é uma confissão. – conclui o Inspector.

- Uma confissão? Ah... Então temos o caso encerrado, é isso? Podemos ir todos para casa! – disse-o com o seu característico tom irónico e mal humorado.

- Não... Não foi isso que...

- Por favor, vai fazer algo de útil em vez de estares a opinar e a concluir coisas que estão por concluir. – interrompeu o Inspector Chefe Ramos. - Vai trabalhar. Reúne-me tudo o que conseguires, fala com a família dele. Depois de levarem o corpo espera pelo relatório da autópsia e, enquanto esperas, vai dando de comer aos pombos no fundo da rua, se necessário. Vai!

«Antes de mais, peço desculpa por não me ter apresentado. Chamo-me Maria. Só Maria, basta. Tu vais chegar à minha alçada, ainda hoje, antes do pôr-do-sol. Podes fazer-me um discurso de agradecimento e notoriedade, mais tarde, uma vez que estou a fazer o trabalho todo por ti...»

- Um discurso de agradecimento?! Até mando erguer uma estátua para ti!

«Demorei para fazer isto. Demorei para pensar! Os pensamentos não estavam a fluir-me como fluíam. É horrível essa sensação. Esperei cerca de 4 meses. Fui obrigada a esperar pois a minha cabeça, os meus pensamentos, não estavam a corresponder com a minha vontade. Naquele dia, soube e senti que tinha de o matar!

Era uma questão de justiça e honra. Odeio injustiças. Odeio honra ferida. Odeio tantas coisas...

Tenho pena de não saber o teu nome... Quem és, o que gostas, o que odeias. O que vês quando te olhas ao espelho. Está a fazer-me falta ter uma conversa profunda com um desconhecido... Serás homem?

Não foi de ânimo leve que tomei esta decisão. Foi difícil. Ainda o amo. Está morto e ainda o amo. Há várias formas de matar um amor não correspondido, um amor ferido, um amor que dói. Dói tanto! Já amaste alguma vez desta forma? Já sofreste por amor? Conseguiste matar esse amor ou ainda está a incubar dentro de ti?

Já mataste alguém? Claro que não! És um agente da autoridade! Combates e prendes os maus. Invocas a lei, a razão, a justiça. Eu também invoquei a justiça hoje! Sinto-me realizada, até. Vazia... Porém, realizada. É crime dizer que foi bom matar? Já é crime o ato em si... Por favor, não penses que sou má pessoa. Não o sou. Só quis mostrar-lhe que não se pode brincar com as pessoas. Se pensarmos que o Jorge não voltará a magoar mais ninguém até se pode concluir que fiz uma boa acção. Se esmiuçarmos bem, fiz uma boa acção! Não me tomes por alguém prepotente, não o sou.

Sou a Maria que amou e ama. Ele brincou, espezinhou, esmagou o meu coração, o meu amor... Cliché! Afinal os meus sonhos foram construídos a base de areia. De lama. De lama suja. Foi-me até ao âmago buscar o que havia de bom em mim. Arrancou-me tudo. Tudo! Tudo de forma tão violenta! Arrancou-me a alma, percebes? A alma, o espírito, tudo o que é transcendente daquilo que se considere real, consciente e inconsciente! Ele matou-me primeiro. Condenou-se quando me matou por dentro.»

- Chefe Ramos? Querem fazer o levantamento do corpo.

- Façam-no. – disse, levantando-se do sofá do cadáver dando autorização para tal. – O que conseguiste apurar?

- Bom... Ele foi encontrado hoje de manhã, por volta das 8h30, pela irmã dele. Ela ia para o trabalho com ele, como todos os dias. Tocou a campainha. Insistiu. Telefonou. Quando viu que ninguém abria a porta ela foi buscar a chave sobresselente que tinha em casa dela, do outro lado da rua. Abriu a porta e... O resto já sabe.

- Ele vivia sozinho?

- Não. Actualmente vivia com uma mulher, Isabel. Não perdeu tempo... Juntaram-se há relativamente pouco tempo. Ela trabalha numas bombas de abastecimento e o turno dela começa às 6h. Ela não estava em casa. Já foi notificada quanto ao homicídio. O Jorge trabalhava numa loja de informática.

- O Jorge brincou com a mulher errada... – sussurrou.

- Chefe, há outra situação... Antes desta tal Isabel, havia outra. Há 4 ou 5 meses ele vivia com uma outra mulher que, entretanto, se separaram. O nome desta mulher está aqui no meu bloco de notas, um momento...

- Maria.

- Como, Chefe?

- Maria. É o nome dela.

«Esperei pelo momento certo. A hora certa. A outra saiu de casa às 5h30, como sempre. A porta do condomínio continua a não fechar-se correctamente. Confirmei tudo antes. Vi-a a sair, sempre à mesma hora. Cheguei ir a abastecer às bombas. O pequeno-almoço foi-me servido por

ela. Observei-a e, de facto, vi que tinha uma beleza singular. Primou pela simpatia e educação no trabalho. Pelo menos fui trocada por alguém, digamos...Interessante? Acho que seria pior se fosse por alguém feio e antipático mesmo que o meu ego assim o agradecesse. E, no fundo, ela não tem culpa da maldade, da crueldade a que o Jorge me expôs.

Entrei no apartamento com uma confiança e um à-vontade que já não sentia há muito tempo. Quando subi pelas escadas, lembrei-me de todos os momentos que vivi ali, quantas vezes subi aquelas escadas com sacos de compras, com mobília nova. Subi as escadas cansada do trabalho e contente por estar de folga. Naquele momento, subi as escadas com sede de sangue. Todas as minhas células do corpo aclamavam por vingança. O êxtase, o fulminar de um acontecimento tanto esperado! O querer e conseguir!

Bati à porta, com força, para ele acordar. Pensou que fosse ela, com certeza. Se eu soubesse ou tivesse pensado antes tinha gravado a cena para ti. Partilharia contigo na íntegra, sem filtros pois tenho receio que não consigas sentir o que eu senti naqueles minutos. A porta abre-se. É agora! É o momento!

- Maria?!

- Olá meu querido...»

- Chefe?

- Óscar, por amor de Deus! – disse irritado. - Será possível que não consigo estar uns minutos sossegado?! O que se passa? São os pombos que não querem comer? É o buraco do Ozono que está a aumentar? Começou a chover?

- Peço imensa desculpa... Está alguém, lá em baixo, na rua, que quer falar consigo. Quer falar com o Inspector Chefe que está a frente do homicídio. É uma jornalista local.

- Em 40 anos de serviço nunca fiz declarações a jornalistas. Nem internacionais, nacionais e, muito menos, locais. Diga-lhe que estou demasiado ocupado e que o meu tempo é precioso.

«Pânico. Vi pânico nos olhos dele. Desespero. Eu tinha o poder nas mãos. O poder da decisão de ceifar ou não uma vida. Sensação maravilhosa! Mas essa decisão já estava tomada.

Quando enterrei a faca no corpo dele, o sangue jorrou-me pela mão, pelo braço. Estava tão quente... Soube-me bem. Ele tocou na minha mão ensanguentada, suja. Tentou afastar-me... Não consegui. A minha vontade, a minha fúria, o meu desespero eram mais fortes que os braços dele. daquelas asas negras que me prometeram abrigo. Pediu-me perdão... Pediu-me para parar. Gritou, implorou-me por perdão novamente. Desesperado, em pânico, em horror. Ele quis tanto que eu parasse, que lhe perdoasse. Sussurrei-lhe que não. Não! Não o perdoaria! Enterrei-lhe a faca mais uma vez. E outra! E mais! Mais!! Oh... Como eu estava a gostar! Espetei a faca tantas vezes quanto me foram possíveis. Eram lágrimas misturadas com sangue em mim, nele, no chão, na parede. Estávamos a partilhar um momento, mais outro, em conjunto.

O último suspiro dele foi como uma brisa num campo de flores num

dia de primavera. No olhar dele, vi dissipar-se a vida com uma lentidão gritante. Fiquei a observá-lo, impávida e serena. De repente, o corpo do Jorge ficou imóvel. Ali, jazido no chão já não lhe restava nada, não tinha nada, já não era nada. Um vegetal. Uma múmia. Alguém que já viveu neste mundo cuja alma e espírito o abandonaram. Alguém que fora amaldiçoado. Ele condenou-se. Eu amaldiçoei-o. Renasci dos mortos e voltei para o levar. Ficaremos juntos? Não, não ficaremos. Não o perdoo.»

O Inspector Chefe Ramos pegou no telemóvel e fez a chamada:

- Óscar, onde estás? – Pergunta ao inspector.

- Estou a começar a interrogar as pessoas próximas da Maria.

- Reúne-me tudo o que conseguires acerca dela. Quero saber tudo.

Desde trabalho, escolaridade, amigos, familiares, vizinhos. A sua interacção com os outros. Tudo. A marca de champô que usa e se ela gosta da carne bem ou mal passada. – Ordenou-lhe.

- Sim, Chefe. Até agora estão todos surpreendidos com este interrogatório. As pessoas não sabem bem o que me hão-de responder porque não sabem o que, de facto, aconteceu. Chefe... As pessoas falam bem dela. Gostam dela. Todos dizem que é uma boa rapariga. Uma mulher de 25 anos surpreendentemente simpática e bondosa. Todos, sem excepção. Contudo, há umas semanas, diagnosticaram-lhe uma depressão. Claro... Deduzo que fosse pela ruptura da relação. Não soube lidar com isso. Estava tremendamente triste. Mas... Parece-me que nem estamos a falar da mesma pessoa... Esta Maria é diferente da Maria que escreveu a carta e que matou.

- Provavelmente ela teve algum género de surto psicótico... As pessoas são assim, Óscar. Nestes anos vi os instintos mais primitivos e selvagens a despoletarem em pessoas consideradas normais, ponderadas e, como disseste, boas pessoas. – conclui o Chefe, sentindo uma empatia, quase inconsciente, pela Maria. – Há mais novidades?

- Há. Relativamente à autópsia. O relatório ainda não é oficial mas é certo que o Jorge morreu com múltiplas facadas, principalmente na zona do torso.

- Perguntei por novidades e não por um resumo daquilo que vi esta manhã. Não me faças perder tempo. - Resmungou no seu estado habitual, puro e frio.

- Não Chefe, não há novidades.

«Bem... Resumindo foi isto que aconteceu. Foi bom, gostei e ele estava a merecer uma lição definitiva. Estou em paz comigo. Agora sim. Ele foi tão mau comigo... As atitudes dele, as palavras... Mas agora está tudo onde e como devia de estar.

Tem graça... Sinto-me estranhamente íntima contigo. Não sei quem és, como és. Mas sinto e gosto desta sensação esquisita e, ainda assim, especial. Sentes o mesmo? Tenho um desejo quase incontrolável de falar contigo. Ouvir a tua voz e saber o teu nome. Só isso. Será possível isso acontecer? Terias vontade de falar comigo? Espero que sim pois tenho uma surpresa para ti. Eu adoro surpresas e espero que tu também gostes!»

- Não, não gosto de surpresas!

«Mais cedo ou mais tarde entrarás em contacto comigo. O meu número de telemóvel chegará às tuas mãos. Ligarás mas só no fim da carta! Mesmo que o quisesses fazer antes não o conseguirias pois o número estará incompleto. Os números que faltam estarão ao longo da carta o que te obriga a lê-la até fim. Pensei nisso, tive de pensar nisso. No teu lugar ligaria imediatamente mal tivesse o número em minha posse. Portanto, espero que não te importes desta pequena espera. É só para me garantir que lês isto até ao fim.

Estás a perguntar o porquê? Porquê e para quê? Porque não tenho nada a perder... Já perdi tudo há uns meses atrás. Nada me faz sentido. Quero acabar com isto de uma vez por todas, com este sofrimento, com esta espera do dia-a-dia, a espera que as coisas melhorem mas, simplesmente, não melhoram! Quero ir embora e voltar para o Inferno! Será que encontrarei o Jorge? Será que o Inferno existe, sequer? E o Paraíso? E a reencarnação? Perguntas sem respostas e, quem as tem, não volta para nos contar. Irei descobrir o que existe para lá disto.

Neste momento estarei sentada, pacientemente, a espera do teu telefonema. Não te sintas responsável por mim. O que me irá acontecer é o que tem de ser feito para o bem de todos. No fundo, também mereço. A título de curiosidade, estou a escrever esta carta ao lado dele. O Jorge está aqui ao lado, quieto, morto. Estou a escrevê-la em cima da mesa que comprei para a sala. Quanto tempo andei a procura de uma mesa assim... Simples, bonita e escura. Tão escura como a minha alma estaria se tivesse cor. Será que a alma tem cor? São 7h. Estou cansada, não dormi esta noite. Mais uma noite em claro. Dizem-me que os comprimidos que o doutor receitou me fariam bem. Mas não os quero, que os tomem eles! Só me fariam ter mais pesadelos quando adormecesse. Prefiro não dormir para não os ter. O meu psicólogo diz que estes pesadelos são, digamos, normais para esta fase da minha vida. São um reflexo camuflado dos meus sentimentos e estado de espírito.»

- Óscar? A Maria estava a ser consultada por um psicólogo. O que sabes disso? – Perguntou após ter estabelecido a ligação.

- Nada de concreto. Sei que os anti-depressivos foram receitados pelo médico de família. A mãe dela disse que “estava a ser seguida pelos médicos”. Só. Não me falou de psicólogo nenhum.

- Vai saber disso, Óscar. Vá saber desse psicólogo imediatamente. Larga o que estás a fazer e vai.

«Estamos a chegar a parte da despedida. Estou cansada até de escrever.

O número de telemóvel já o tens? Consegui falar contigo? Duvido... Quem está a frente de um caso destes não perde tempo a falar com jornalistas locais! Nos filmes de Hollywood os policias não falam com

jornalistas. Nunca têm tempo.»

- Não! – diz, quase num grito, pegando no telemóvel e fazendo outra chamada.

- Sim? Chefe... Ainda não consegui falar com o psicólogo. Não me deu tempo suficiente. Ele está a consultar um paciente e...

- Óscar, a jornalista do jornal não-sei-de-onde o que te disse?

- Que queria falar consigo, Chefe.

- Disse-te mais alguma coisa? Entregou-te alguma coisa, Óscar? – pergunta impacientemente.

- Humh... Sim... Um cartão. Disse que podíamos precisar dele.

- Óscar, exige, em nome da lei, em nome do universo, em nome de quem quiseses, que o psicólogo nos ligue mal acabe de consultar o paciente. Entretanto, vem imediatamente para cá. Volta com esse maldito cartão.

- Chefe, tenho-o na mão e os números... Não estão completos...

- Eu sei, Óscar. Eu sei...

«Vou dar-te os números em falta. Vou escrevê-los por extenso. Obrigate a ler, letra por letra. Os algarismos teriam chamado logo a tua atenção no início da carta. Quatro, sete, dois e nove. Ei-los. Até já»

10 minutos depois, após a chegada do Óscar, o Inspector Chefe Ramos tinha o número completo já marcado no telemóvel. Estabelece ligação. Olha para o Óscar. Compasso de espera. Já há muito que não sentia esta ansiedade, esta pressa. Esta vontade.

- Estou sim? – atende uma voz calma, triste e, quase, inaudível.

- Maria? És tu?

O coração quase saltava pela garganta do Inspector Chefe.

- Maria, não faças nada. Permanece onde estás, quieta. Diz-me onde estás? Vou ter contigo, falamos um pouco.

- Pela voz poderias ser meu pai...

Aquela frase foi como um murro no estômago. Queria ajudá-la. Queria salvá-la. Queria saber onde estava para ir ter com ela, para abraçá-la!

- Como te chamas?

- Guilherme. Podes tratar-me por Guilherme. – respondeu o Inspector Chefe Ramos.

- Obrigada Guilherme. Obrigada por teres lido a carta. E... Estava a brincar quando disse que deverias de escrever-me um discurso de agradecimento... – ouviu-se um riso, muito suave, quase forçado.

O Inspector Chefe sorriu afectuosamente.

- Eu tive de fazer aquilo, Guilherme. Percebes isso? Foi melhor assim... As coisas vão ficar melhor agora... Estou na residêncial. Está na berma da estrada antes de entrar na vila. É a única que existe. Estou lá. Quarto 17.

- Maria, estou a caminho. Estou aí dentro de 15 minutos. Espera por mim!

- Guilherme?

- Sim?

Após uma longa pausa enquanto lágrimas se misturam com o silêncio, disse:

- Obrigada por tudo.

Foram o mais rápido que conseguiram. Mais rápido quanto o trânsito lhe permitiam. O Óscar nunca tinha visto assim o seu Chefe. Ele era frio e racional, com uma inteligência invejável e com um discernimento coerente. Naquele momento, sentia o Chefe agoniado. Ele próprio não reconhecia os sentimentos que floresciam perante este caso, perante a Maria. Afinal, ela era boa moça. Todos diziam isso.

Chegaram, finalmente. Aqueles 15 minutos pareceram 15 anos. O Inspector Chefe Ramos irrompe pela entrada principal da residencial e sobe as escadas que dá acesso aos quartos. Era uma residencial simples, fantasmagórica, com muitos anos a pesarem-lhe em cima. Dirige-se para o quarto 17, instintivamente. Dava passadas largas, hiperventilava enquanto corria pelas escadas a cima. Ouvia-se outros passos atrás dele. Do Óscar e do dono da residencial tentando impedir tal invasão à sua propriedade. Não há tempo para explicar. Não há tempo! A porta do quarto 17 estava encostada. Era escusado quebrarem com a porta.

O Inspector entra repentinamente. Era um quarto miserável. Feio e pequeno. Havia uma cama de casal pequena. À frente, a janela estava com as cortinas abertas que fazia os raios de sol de um fim de tarde penetrarem no quarto. A luminosidade era quase de um alaranjado. Noutras circunstâncias, a luz, até poderia tornar o quarto mais apetecível.

O Chefe Ramos dirige-se ao fundo da cama para conseguir ver o que não queria. Entre a cama e a janela, no chão frio e imundo, estava lá. Jazida no chão, com cortes horizontais em ambos os pulsos. Cortes feitos pela mesma faca que condenou o Jorge. A Maria estava serena, tranquila. Em paz. O sangue beijava-lhe o cabelo e escorria pelo chão daquele quarto, naquela residencial. Aquele quadro era triste, revoltante. Ele contemplava-a. O sangue, já a querer coagular, juntava-se à caixa de antidepressivos caídos. Além dos cortes, o Inspector Chefe Ramos verificou que ela também tomou os comprimidos. Para ter a certeza que, naquele dia, morria.

- Chefe...

O Chefe não olhou para o Óscar. Não respondeu. Verificou a pulsação. Ela ainda estava quente.

- Chefe... Ela... É a jornalista...

- Não. É a Maria. Morta.

O dono da residencial sai do quarto, sem coragem para continuar assistir àquela cena decrépita.

O telemóvel toca. O toque do Óscar sempre irritou ao chefe. Não gostava daquela sirene azucrinante. Sempre reclamava daquele toque e, o Óscar, achava-lhe piada. Naquele momento nada disse, nada comentou.

-...Sim, pois de facto estamos perante esta situação – ouve o Óscar dizer, já a conversa ia a meio. – Mas talvez seja melhor falar com o Chefe, um momento.

O Inspector olha para o telemóvel com um ar interrogativo. “É o

psicólogo”, diz-lhe Óscar em murmúrio. O Chefe Ramos aceita o telemóvel, como se de uma entrega de testemunho se tratasse. Começou a ferver, instantaneamente.

- Ora então Sr. Dr! Excelente trabalho! A Maria, sua paciente, suicidou-se. Antes disso, matou uma pessoa. Que tem a dizer sobre o seu surpreendente e envolvente trabalho? Afinal, os psicólogos servem para quê?!

- Oiça Sr. Inspector Chefe, o ser humano não é tão linear como queremos que seja. Não me pode responsabilizar por esta situação. A Maria estava bastante frágil.

- Estava tão frágil que a casa do ex dela assemelhava-se a um matadouro.

- Inspector, - respondeu o psicólogo, suspirando. - A Maria sofreu. Estava a sofrer. Após a perda do bebé ficou completamente desorientada.

- Como disse?! Bebé? Qual bebé?

- Ela estava grávida, Inspector. Descobriu já depois de se separar. Aconselhei-a falar com o pai do bebé, com o Jorge. Segundo o que ela me contou, ele tratou-a mal. Zombou dela, troçou do sofrimento dela. Duvidou da parentalidade. Mesmo depois do Jorge a ter expulsado de casa aquando da separação e, depois da Maria descobrir as traições dele, ela continuava a ama-lo mas, também, sabia que não podia obriga-lo a amar. Deixou-o em paz. Entretanto, veio a noticia da gravidez. Após esta última discussão entre eles por causa do bebé ela sofreu um ataque de pânico. Caiu. Perdeu o bebé. Fui vê-la ao hospital. Ela estava transtornada, completamente perturbada. Já não ia as sessões nem me atendia o telemóvel. Cheguei a temer o pior, sim. E hoje, aconteceu isto. Pôs termo a duas vidas. Ela tinha tanto potencial...

- Obrigado Dr., com certeza entraremos em contacto consigo para as alegações finais. Tenha um resto de um bom dia.

O Inspector Chefe entregou o telemóvel ao Óscar com um olhar vazio. Olhou para a Maria. Continuava serena. Sentia-a serena. Admirou-a mais uns segundos.

- Sabes Óscar, daqui a umas semanas vou reformar-me. Finalmente livraste deste velho rabugento...

- Oh Chefe... - Óscar gostava dele. Mesmo rabugento, estimava-o muito.

- Após tantos anos a ver e estudar homicidas... Pela primeira vez, Óscar... Um assassino fez justiça. A Maria, de facto, fez justiça... Por ela e pelo bebé.

O Inspector Chefe Ramos saiu do quarto. Ainda havia trabalho a fazer. Óscar viu-o a afastar-se com o seu porte forte, decidido e influente. Era o professor, o mestre dele. O Chefe, da ombreira da porta, virou-se e disse-lhe:

- Vê se sabes quando é o funeral da Maria. Estou a dever-lhe um discurso...

OLIVEIRA. Tenho 28 anos e sou de Portugal. Vivo numa aldeia do interior que, provavelmente a área desta, é mais pequena que uma avenida do Brasil. Segui para Turismo. Um erro. Um erro provisório que será corrigido com Psicologia Forense. Não morro de arrependimento da minha escolha porém seguirei o pensamento de Confúcio: “Não corrigir nossas falhas é o mesmo que cometer novos erros”. Os meus principais gostos literários estão retratados neste conto, de uma forma resumida e breve.

Strangers on a train
(Pacto sinistro)
1951
Dirigido por Alfred Hitchcock



ESCRAVOS DE JÓ

Por André Balaio

O vendedor encostou no vidro. O que é que tá olhando? Quer pipoca, moço? Não, procure outro carro. O guarda era tranquilo, não saía da esquina, ficava só no aceno e apito. Uma menina bonita passou na faixa e me encarou insistente, quem sabe notava algo errado mas podia também ser paquera, como eu iria saber sem sair do automóvel? A senhora gorda do carro vizinho ao celular podia estar falando de nós. Alô, é da polícia? Tem dois caras suspeitos aqui ao lado, esquina da Agamenon com a Paysandu, venham logo.

Você está ouvindo essas pancadas no porta-malas? Não. Pois eu estou. Para com isso, rapaz, não tem barulho nenhum. É sério, ouça, tem umas batidas, você não quer descer e olhar? Vai tu, porra, eu tou dirigindo e quem tá ouvindo é você.

Fui. Não tinha nada. Não disse? Desculpe, amigo, eu juro que ouvi. Agora para de atrapalhar, estamos perdendo tempo, eu quero me livrar logo disso. Para onde estamos indo? Você vai ver. Tem que ser um lugar longe e escondido, né? Deixe comigo, rapaz, eu tenho um esquema, entendeu?

Foi quando a ficha caiu: minha vida dependia de um cara que eu conhecia há menos de uma hora. Tudo por causa dela. Estava naquela situação somente por causa dela. Mas se a gente parar para pensar, a bichinha também não tinha culpa. Lembro do carro no engarrafamento da Caxangá. Adivinha quem eu vi, chuta, não, deixa, é impossível, eu vi o português, cara, sim, o tal portuga; eu estava tão nervoso que comentei com ele, não com o português, claro, mas com o grandão ao volante.

Você não vai acreditar. Fala. Acabei de ver o português na calçada. É o quê, boy? O português, acabei de ver. Você é doído por acaso? Se não era ele, era igual. Rapaz, cala essa boca, eu tou armado, se disser merda eu dou um tiro na tua cara, entendeu?

Desculpa, nem comecei a falar dela ainda, mas preciso, sabe? A minha índia. Tudo é para ficar a sete chaves, senão vai por água abaixo. E não pode, esse tempo que eu estou aqui tem que valer de alguma coisa.

Eu tinha acabado de entrar na firma de importação como auxiliar administrativo, meu trabalho era gerar relatórios de movimentação diária. Ganhava mal, mas dava para ajudar em casa e ainda juntar um dinheirinho. A primeira coisa que comprei foi uma moto, uma CG 150 preta, usada, mas muito boa. Almoçava lá mesmo e passava o vale refeição para minha mãe e as despesas de casa.

Um dia foi aniversário de um colega, Gideão. Logo cedo ele veio falar comigo. Tu vai tirar esse escorpião do bolso e almoçar fora hoje, Gabriel. Concordei, claro. Fomos com mais três colegas para um restaurante ali perto, na rua do Bom Jesus. Lugar pequeno, comida no peso, preço justo.

Assim que cheguei, vi a menina do caixa, morena de cabelo até a cintura e rosto afilado, uma princesa. Gideão fez cara cínica. Cuidado, meu amigo, virando a cabeça assim você vai ficar com torcicolo. Todo mundo riu.

Logo o aniversariante descobriu que serviam cachaça como aperitivo e propôs a brincadeira: pegou dois copos iguais e colocou bebida em um e água no outro sem que a gente soubesse quem era quem. Começamos a girar os copos e a cantar, escravos de Jó jogavam caxangá, tira, bota... até que a música parava e quem estivesse com o copo na mão tinha que virar. A falta de jeito me fez beber várias vezes e virei alvo das brincadeiras e centro das atenções. Percebi que a menina acompanhava tudo com atenção e parecia torcer por mim, rindo e fazendo cara de pena quando eu ficava com o copo.

Na hora de pagar, percebi o sorriso carinhoso que devolvi olhando-a nos olhos. Ela percebeu o meu estado. Você está bem? Sim, claro, tudo sob controle.

Fiquei alegre e aéreo no resto do dia. Na manhã seguinte, me vi contando os minutos, dei uma desculpa para não almoçar na copa com meus amigos e de novo fui lá. Escolhi a melhor posição e comi lentamente para observar a menina por mais tempo. Concentrada, ela anotava os valores da balança e passava cartões na maquineta, era a coisa mais linda do mundo. Na hora de pagar, de novo o rosto risonho que parecia ainda mais risonho porque era para mim.

Foram dias em que não pensei em mais nada além de chegar nela. Decidi almoçar no restaurante todos os dias, os amigos diziam que eu estava me achando importante e só queria comer fora. Gideão veio dar conselho. Gabriel, Gabriel, tou ligado que é a menina do caixa, para de embromar e age rápido, rapaz, senão vai torrar o dinheiro do vale. Minha mãe reclamou quando eu disse que a copa estava em reforma e todo mundo tinha que almoçar fora. Que maldade do teu chefe, agora vou ficar sem a ajudinha da feira.

Passei dias de olho, esperando o melhor momento. O nome, ouvi o garçom dizer, era Bartira. Dona Bartira. Não tinha vinte e cinco anos e era chamada de dona, devia ser filha do dono para mandar, mesmo tão jovem, pelo menos no garçom. De fato, havia um senhor baixo e calvo, meio caladão, que às vezes passava por lá, conferia o apurado e dava ordens. Era o dono, só podia ser.

Eu continuava na esperança de uma deixa, um momento em que ela sáísse do caixa e eu pudesse perguntar alguma coisa, sei lá, falar algo diferente. Porque a conversa diária era sempre a mesma. Deu isso, dinheiro ou cartão? Cartão (como se não você soubesse depois de tanto tempo que venho aqui). Quer sua via? (O que eu quero mesmo é você, meu amor). Não precisa, obrigado.

Bartira nua na cachoeira e eu, de pau duro, deixava o relatório no meio para ir ao banheiro.

Um dia, acordei com o corpo ardendo, não por conta da paixão mas pela porra de um mosquito, não tive forças para levantar, as dores eram tremendas. Passei cinco dias em casa e o que mais lamentava era não poder vê-la. Voltei magro e abatido, até ganhei elogios do chefe porque podia ter ficado mais alguns dias de molho. Não tinha fome mas só

pensava no almoço. As mãos tremiam tanto enquanto me servia que temi derrubar o prato, imagina a vergonha. Desde o instante em que cheguei ela me observou; minha pele queimava, era um olhar de sol a pino. Engoli a comida e fui pagar.

Achei que você não vinha mais almoçar, ela disse enquanto digitava o valor na maquineta. Minha voz quase não saiu. Andei doente. Foi o quê? Dengue, mas agora estou melhor. Vixe, coitado, é ruim demais, né? Horrível, a gente não consegue fazer nada, fiquei esse tempo todo sem trabalhar. Você trabalha onde? Aqui perto, na Praça do Arsenal, é um escritório de despacho aduaneiro; pela cara já sei que não sabe o que é, né? Despacho só conheço de macumba, ela disse, mostrando os dentes brancos mais lindos. Eu poderia passar um minuto, uma hora, um dia, uma vida perto daquele cheiro doce, do hálito fresco, da pele macia, mas a fila já estava grande atrás de mim. A gente podia marcar uma cerveja ou sorvete para eu te explicar o que é despacho. Sim, claro, vamos marcar.

Saí de lá caminhando na lua. Em casa, conversei com o abajur, fiz convites ao armário, ensaiei no banheiro, troquei olhares com o espelho. Quando entrei lá no outro dia, ela estava concentrada, os dedos ágeis nas teclas da calculadora, e nem me viu. Fiz o prato e na hora de pesar ela me olhou com um leve movimento de sobrancelhas. Sentei, comi, esperei algum sinal, nada, em nenhum momento, nem um instante sequer Bartira virou o rosto. Na hora de pagar fiz uma tentativa. Olá, tudo bem? Tudo. Como estão as coisas? Tudo ótimo. O coroa se aproximou, falava diferente, era português. Bartira, está tudo bem com a conta do rapaz? Sim, sim, está, e virou-se para mim, obrigada, moço.

Devia ser linha dura, pensei, desses que implicam com os namorados da filha. Fiquei desapontado mas não desisti, o desejo era maior. No outro dia entrei no restaurante e olhei em volta. O portuga não estava. E então, vamos marcar de sair? Ela sorriu de um jeito que eu quis entrar naquela boca. Hoje eu posso, passa aqui às sete, mas não entra, fica na esquina que eu vou te encontrar.

Cheguei um pouco antes e fiquei na moto. Ainda havia muita gente na rua e eu tentei me distrair observando passantes apressados e motoristas ansiosos. Minhas mãos suavam. Bartira. Sete horas. O tempo não passava. Sete e dez. Só? Parecia mais tarde. Sete e vinte. Peguei um chiclete, era bom para o hálito. Sete e vinte e três. Comecei a roer as unhas. Sete e vinte e sete. Provavelmente o pai chegou no momento em que saía. Onde a senhorita pensa que vai? Encontrar uma amiga, papai. Não, vamos para casa agora.

Às sete e meia senti uma mão de dedos pequenos me cutucando o ombro. Tentei me conter, mas ela me abraçou como se fosse namorado, fiquei louco com o toque da pele. Na garupa, apertava minha cintura num carinho até a barriga. Tomamos sorvete e a língua dela se mostrava, era convite. Peguei coragem e a chamei para um lugar mais íntimo já esperando o não. Sim. Oi? Sim. Olha, se você preferir a gente marca depois. Pode ser agora. Certo, mas só se você estiver realmente com vontade; se não quiser hoje, eu vou entender. Homem, estou dizendo que quero.

Bartira sentou na cama, abriu as pernas e eu de joelhos lambi com

força. Deitou meu corpo e veio por cima, sentou até gozar. Depois meteu o dedo, tirou a minha vergonha, eu latejava, e me chupou tão gostoso que explodi.

Deitados, falei da vida. E ela, em Gonçalves. O portuga? Sim. Teu pai? Claro que não, menino, meu pai morreu faz tempo. Patrão? Não. Tio, padrinho? Não. E o que ele é, pelo amor de Deus, para você falar nele agora? Marido, ela disse apertando os olhos para não ver o estrago.

Espere, não vá agora, por favor me escute, eu sei que você está puto comigo com razão mas ouça minha história; sou de família muito pobre e não conheci meu pai, aos dezoito, consegui um emprego num frigorífico em Camaragibe perto de onde eu morava, trabalhava cortando e desossando boi, serviço pesado, precisava sustentar minha mãe, que é doente, e dois irmãos pequenos; o dono era José Gonçalves, o português, que com o tempo começou a me elogiar, a dizer que eu tinha potencial para um trabalho menos bruto e perguntou se eu não queria melhorar de vida, claro que eu queria, então me tirou da produção e virei secretária, me incentivou a terminar o segundo grau e depois pagou a faculdade; foi quando ele começou a me cercar, disse que era casado com uma senhora muito doente que não saía da cama, não tinha filhos, era muito só e me amava, estava louco por mim; pediu para me namorar enquanto esperávamos a vida se resolver e, quando terminei o curso, ele botou esse negócio bem longe de Camaragibe para evitar fofoca; logo que ela morreu, ele me pediu em casamento; queria vender o restaurante para eu cuidar só dele, mas pedi para continuar porque gosto daqui, o expediente é a partir das onze então dá tempo de fazer o café e esperar ele sair para o frigorífico, o motorista me traz e depois vem me buscar às sete, às vezes que vem é ele, a coisa toda funciona bem.

Mesmo contrariado, virei amante. Para a gente se encontrar, Bartira arranhou a desculpa de um curso à noite, chegou mesmo a se matricular, contou ao marido que uma ex-colega da faculdade daria carona na ida e na volta, então não precisava do motorista nem do português para levar ao curso ou trazer para casa. Passamos a nos encontrar todas as noites, os corpos suados, o vapor subindo, incensando o ar com cheiro de sexo, em quartos de motel, salas de cinema, becos escuros, praias desertas, banheiros públicos. Não havia pudor. Eu estava disposto a continuar assim o tempo que fosse preciso até que ela fosse só minha.

Um dia, porém, tentei um beijo e ela se afastou. Não posso mais, amo você mas preciso de Gonçalves, e ele anda muito desconfiado, parece não acreditar, pergunta tudo, quer saber detalhes, até sobre as matérias do curso, quero um tempo, vai ser difícil, mas é necessário; prometa que não vai me esquecer, somos jovens, podemos esperar.

Voltei a almoçar com os colegas na empresa, a dar o vale refeição para minha mãe, a seguir a vida que eu tinha antes. Passei a ver Bartira em cada menina morena com quem cruzava nas ruas do centro. Amassei cartas de amor e as mandei ao lixo, comecei e-mails que nunca deixaram de ser rascunho, escrevi mensagens que apaguei antes do envio. Os meses passaram, mas nunca esqueci, sempre dava um jeito de pegar o caminho do restaurante, fosse ao banco ou à lotérica, andando devagar, olhando para dentro. Às vezes eu a via saindo ou chegando com olhar de

presidiária e esperava um sinal, um aceno, um sorriso, que ela mudasse de ideia, me chamasse no canto, fizesse uma proposta; eu aceitaria. Ela retribuía o olhar, às vezes sorria, mas noutros momentos fingia não me conhecer, devia ser vigiada, quem sabe por um detetive particular encostado na parede ou pelo próprio português com olhar ciumento.

Um dia recebi uma ligação, preciso de você, venha logo. E me deu o endereço. Falei para o chefe que minha mãe estava passando mal, sabia que era errado mentir mas foi a primeira coisa que pensei. Era o apartamento onde morava com o portuga, me senti estranho ao dar o nome na portaria. Ela abriu a porta e pulou nos meus braços. Um fedor tomou minhas narinas, tão forte que quase vomitei. Entre abraços e beijos, o apartamento cheirava a cloro em todos os cantos.

Valeu a pena esperar, agora estamos livres dele, meu amor, ela ria e gritava com a voz fina. De repente parou e contraiu a testa. Preciso de você, querido. Robson, vem cá. E saiu lá de dentro um homem alto, gordo e barbudo. Tomei um susto, claro, nunca imaginei que haveria outro homem ali. Ela passou o braço fino por trás do grandalhão enquanto sorria. Gabriel, este é Robson, ele trabalhou comigo no frigorífico e virou um grande amigo, preciso que você ajude a carregar duas malas do quarto para o carro e depois os dois vão juntos dar destino ao material, é muito importante, Gabriel.

Foi preciso dar duas viagens, as malas pesavam como o diabo. Eu não queria pensar em muita coisa, na verdade não queria pensar em nada, então fui com ele sem saber para onde, nem o que iria fazer, apenas porque ela pediu. Lembro que o dia estava quente quando vi o portuga na Caxangá. E ele ria. Engraçado, foi a única vez que vi o português sorrir.

Terminamos no meio do mato, num sítio, calor de lascar. Pegamos duas pás, cavamos, cavamos, cavamos. Tive medo que depois Robson desse um tiro e aproveitasse a cova para me enterrar junto por isso fiquei falando da minha família, no quanto era pobre e de como minha mãe dependia de mim. Ele nada respondia.

Escapei. Robson me deixou junto à moto na calçada do prédio. Pedi para subir mas o porteiro não abriu e me entregou um envelope. Dona Bartira saiu e deixou isso aqui para você.

Gabriel, meu amor,

Precisei partir mas vou com o coração na mão. Peço que me espere, em breve estaremos juntos como sempre sonhamos.

Te amo.

Bartira.

A vida seguiu normal até o dia em que um oficial de justiça e um agente de polícia apareceram na firma. Confesso que na hora nem me toquei, achei que fosse engano. Depois soube que Robson tinha sido pego e me entregou como cúmplice. Foi tudo muito rápido: interrogatório, acareação, exumação, reconstituição, julgamento, condenação. Um agente me contou que Bartira tinha pego a grana do português e estava foragida, provavelmente no exterior.

Perdi o emprego, os amigos e o respeito, mas não perdi a esperança. Sou réu primário, bem-comportado, vou cumprir um terço da pena e sair logo daqui. Sei que ela vai me procurar e ficaremos juntos. Não pense que

estou me iludindo, sempre que esperei e tive fé eu consegui, não foi? Agora não será diferente. Está no livro de Jó, na bíblia, que passei a ler quando cheguei aqui: E terás confiança, porque haverá esperança; olharás em volta e repousarás seguro.

ANDRÉ BALAIÓ (cujo nome de batismo é André Felipe Gomes de Andrade) é escritor, roteirista de quadrinhos e editor do site O Recife Assombrado. Foi o vencedor do prêmio literário Off Flip 2016 na categoria “Conto” com a história de fantasmas “O lado de lá”. Possui contos e textos publicados nos livros “Histórias Medonhas d’O Recife Assombrado” (onde assinou como André Felipe de Andrade), “Malassombramentos” e “Viva Carrero” (Edições Bagaço).

Dial M for murder
(Disque M para matar)
1954
Dirigido por Alfred Hitchcock



MAR VERMELHO

Por Paulo Soares d'Almeida e Valentina Silva Ferreira

A voz embebida em brandura preenchia o salão decorado com fitas douradas. Pela gargantilha valiosa subia um pescoço escuro e o rosto feminino espelhava a emoção do *smoth jazz* que a banda tocava. No centro, um cartaz gigante assinalava os dez anos de aniversário da PM12, uma empresa de automóveis de luxo, e a aposentadoria do vice-presidente.

- Então, Alfred, é a primeira vez que viaja? – perguntou o presidente ao neto, o mais novo candidato ao cargo de vice-presidência. – Lembrome que em pequeno não gostava de sair de casa – acrescentou, levando o garfo ao bigode farfalhado.

- Sim... - murmurou. – Não gosto muito de viajar mas até que está a ser agradável – os seus olhos amenos, dirigidos ao outro lado da mesa, não disfarçaram o entusiasmo que sentia.

Vários empregados aproximaram-se, com as bandejas na mão, e serviram a carne nos pratos, interrompendo o diálogo morno entre outros dois candidatos.

- Proponho-lhe um brinde a desejar sorte para a escolha... – começou Dave. – Mas espero que te engasgues – piscou o olho ao colega mais velho.

Antony e o vice-presidente soltaram uma gargalhada, ao mesmo tempo que Diane fazia as pazes com o tinto que deixara de tomar há três semanas. Estava completamente alheia a todo o diálogo daquela mesa, absorvendo-se na música. Após o segundo copo, o cabelo da vocalista hipnotizava a única mulher candidata àquele cargo. As conversas e gargalhadas dos funcionários da empresa preenchiam a sala. Os sorrisos nos vários rostos demonstravam a gratidão que sentiam por Robert Allen que, no entusiasmo daquela celebração, oferecera uma viagem de cruzeiro a todos os seus trabalhadores, desde à empregada de limpeza ao seu grande amigo Leonard, que abandonava a PM12, após vários anos de dedicação. Chegara a altura de, juntamente com a esposa, partilhar a velhice na casa de campo que adquirira recentemente.

Dave sustentava um leve desespero na cara, apesar do tom achocolatado da sua pele. Duas olheiras surgiam, de repente, como se um cansaço extremo se apoderasse dele. Levou as mãos à barriga e suspirou, diante do olhar atento dos colegas.

- Não me sinto nada bem... - disse, baixo. – Se não se importarem, irei retirar-me para o meu camarote, até à hora da revelação do novo vice-presidente – levantou-se e, ligeiramente cambaleante, fintou as mesas e desapareceu pela porta.

Várias sobremesas foram apresentadas num carrinho. Diante daquela escolha gulosa, e para não arruinar a dieta, Diane empurrou a

cadeira e retirou-se da sala, desculpando-se com o facto de precisar de fumar. Seguiu Dave, sem nunca se revelar na penumbra do corredor. Ao vê-lo abrir o camarote, apressou-se a abraçá-lo por trás e dar três beijos nas suas costas.

- Não via a hora de estar contigo... - os olhos brilhavam ao mesmo tempo que o virava para si e começava a despir a camisa engomada dele. - Beija-me - pedia, sedenta, impelindo a língua para dentro da boca daquele homem. - Uma comemoração antecipada.

- Comemoração? - empurrou-a. - Sabes de alguma coisa que eu não saiba? - o tom de voz revelava um laivo de desconfiança.

Dave desejava-a, às vezes. Não a amava e ela sabia disso. Mas divertia-se com a loucura daquele amor que ela sentia por ele. O desejo de uma mulher nunca afastaria a sua ambição em ser o escolhido. Não ficaria feliz por ela, caso fosse indicada para vice-presidente. Ele queria o cargo e não colocaria nada nem ninguém à frente disso.

- Responde! - abanou-a. - Estás demasiado calma. Sabes de alguma coisa?

Diane encarou-o, assustada. Os braços apertavam-na mais que o normal. Odiava-se por ser considerada tão avançada - feminista, diziam - mas, entre quatro paredes, sujeitar-se às fúrias que o acometiam. Eram ambos atores: ela fingia uma força que não tinha; ele usava uma amabilidade completamente falsa. Tentou afastar-se mas não conseguiu.

- Ouvei uma conversa... ouvi o meu nome... não sei se percebi bem mas... - uma mão apertou-a pelo pescoço.

Diane sentiu os olhos serem levados para dentro da cabeça, num desmaio que acompanhava a falta de ar e a certeza de que ele a mataria. Achava, por segundos, que ele ficaria feliz pela sua promoção mesmo que isso significasse não conseguir o que tanto desejava. Chocou com a realidade: ele estaria disposto a matá-la por isso.

Quarenta minutos depois, ela regressou com o olhar um tanto alucinado.

- Querida, espero que, se fores vice, esses cigarros demorem menos tempo - aconselhou Robert, num tom jocoso.

O sorriso falso detetou aquilo que toda a gente já sabia: Diane detestava aquela forma de trato simplesmente por ser mulher. Preferia que a considerassem de maneira igual e, talvez por isso, usasse calças e gravata e ostentasse um certo ar de masculinidade.

- Se eu ganhar, até deixo de fumar, Excelso Presidente - ironizou a senhora, mexendo as mãos de forma exagerada e derrubando um copo de vinho. Parecia nervosa.

À camisa branca de Alfred foi cuspidada uma nódoa escura, na zona do abdómen, dando a sensação de que o jovem acabara de ser esfaqueado. Cruzou o olhar com o de Diane que, apressadamente, levou o guardanapo à mancha, desculpando-se de forma sincera. Ele acabara de voltar da casa de banho e teria que se ausentar, mais uma vez.

- Deixe estar... - rosnou. - Eu tenho mais camisas no camarote - levantou-se. - Se me dão licença... - apressou o passo e abandonou o local.

Alfred, a caminho do quarto, cruzou-se com o empregado que levava o carrinho do gelo. Costumava distribuir pedras de gelo pelos quartos.

Achava demasiado perigoso cada camarote ter um picador de gelo. Havia loucos por todo o lado: principalmente na claustrofobia de um barco. O funcionário reparou no olhar conspurcado de Alfred e abrandou, na expectativa de lhe ser indiferente, uma vez que aquele homem parecia estar possesso.

- Já viu o que me aconteceu? – perguntou, tentando suavizar o tom de voz que, ainda assim, revelava uma certa rudez.

O empregado sorriu e, aproveitando a deixa, tentou animar o passageiro.

- Parece que se cruzou com Jack, *O Estripador*.

Um brilho metálico ressoou nas pupilas dilatadas do neto de Robert, dando a sensação de que prata líquida substituía os olhos. Ambos deram uma gargalhada que ecoou pelo corredor, perdendo-se no mar revolto que se via da janela. No céu, as nuvens formavam massas de algodão negras e a chuva que caía rasgava as ondas picadas ao longe. Alfred acenou para o empregado e entrou na porta nº 6, jogando a camisa para o chão. Escolheu outra idêntica e admirou-se ao espelho. Aquela ideia consumia-o há demasiado tempo.

Vários empregados distribuíam pequenos cálices de Vinho do Porto, no grande salão. Algumas pessoas, que rejeitavam a bebida, levantavam-se para acompanhar a música animada com alguma dança. Na mesa dos candidatos, Robert e Leonard avançavam o diálogo com banalidades que os fazia rir. Antony, sentindo-se a mais, aclarou a voz e anunciou:

- Aproveito este interregno para ir tomar a medicação, ao meu camarote.

- Parece-me que já deveria estar na reforma, caro colega – ironizou Leonard. – Com tanta medicação que toma, como poderá gerir uma empresa?

O velho esboçou um sorriso antipático e afastou-se do barulho da sala. O mar agitava os corredores do grande *Lincoln* quando Antony abriu a embalagem de comprimidos e despejou dois à boca. Mirava-se no reflexo da janela no instante que ouviu a tosse inconfundível de Alfred. Alisou a barba, pensativo, e levou a mão à porta, abrindo-a suavemente. O jovem empresário encontrava-se de costas, tentando equilibrar-se no tapete azul que saltava com as ondas gigantes que se formavam na orla do navio. Alfred, visivelmente transtornado, nem reparou na presença de Antony.

O baile decorria com elegante entusiasmo. Várias senhoras, vestidas a rigor, compuseram uma fila, na horizontal, com sorrisos no rosto e os pezinhos a bater ao som dos saxofones rasgados. Os homens aproximavam-se com as mãos disponíveis para receber as companheiras, apressando os passos em três voltas e dois recuos. Antony, já medicado e de regresso, ofereceu a sua mão enluvada a Diane, puxando-a para o centro da sala. O corpo dela acomodou-se ao dele.

- Estás tão linda... - disse-lhe ao mesmo tempo que inalava o perfume que tão bem conhecia.

- Não sejas parvo – riu-se ela. – Vê lá se alguém descobre...

- Para quê esconder mais?... - largou o braço, fazendo Diane rodopiar e voltar ao seu peito. – Há alguma coisa que me queiras contar? – o canino

visível indicava a possibilidade de um remoinho de fúria. – Não me faças de parvo, Diane.

O rosto da mulher revelou exasperação. Equilibrou-se na dança e tentou fechar os olhos na expectativa de não demonstrar desistência.

- Não sei do que falas, Ant... - disse, por fim.

- Sei que amas o Dave – cuspiu as palavras, agarrado ao corpo da amante. – Eu fui apenas um degrau para alcançares o teu objetivo, não é verdade?

Alfred garantiu o seu lugar à mesa, ansioso para que aquele bailarico terminasse e anunciassem, finalmente, o eleito. Havia tão grandes possibilidades...

O presidente levantou-se e caminhou até o palco. Alguns presentes repararam e deslocaram-se às respetivas mesas. Os murmurinhos contagiavam o local. Alguns apostavam em Alfred, por ser neto de Robert e por, presumivelmente, dar continuidade ao legado do avô, aliado à sua ascensão meteórica dentro da empresa. Outros, mais tradicionais, apontavam Antony como o favorito, devido ao fator da experiência naquele ramo. Fosse quem fosse, os funcionários apenas desejavam um aumento de salário e que as condições se mantivessem como até àquele momento. Mr. Robert pegou no microfone e pediu a atenção de todos.

- Antes de anunciar o substituto do meu grande amigo Leonard, gostaria de lhe dirigir umas palavras de agradecimento por todos estes anos de entrega e dedicação, desde o primeiro dia que falámos sobre ter uma empresa de automóveis... - sorriu. – Lembras-te, amigo? Começámos por um pequeno armazém e hoje podemos considerar-nos, sem modéstias, uma multinacional de sucesso, muito graças a ti – ergueu na direção de Leonard uma taça de champanhe que, entretanto, fora servida.

Todos os funcionários levantaram-se e aplaudiram o discurso inicial e a presença do vice-presidente que não conseguiu controlar as lágrimas de emoção, levando as mãos ao peito e fazendo uma pequena vénia.

- Peço aos candidatos que se aproximem para que eu possa anunciar o nome do selecionado. Acrescento que esta escolha foi difícil mas feita com a maior responsabilidade sobre o futuro da nossa empresa.

Diane foi a primeira a levantar-se, com um ar de satisfação. A ela, seguiram-se Alfred e Antony. Subiram o palco e encararam as dezenas de mesas onde se sentavam os seus colegas.

- Onde está o Dave? – cochichou Robert ao ouvido do neto.

- Creio que ele tenha ficado no camarote.

O Presidente chamou um dos empregados e pediu-lhe que fosse ao camarote de Dave, avisá-lo do anúncio. Entretanto, Robert comunicou alguns valores muito positivos nas vendas do primeiro semestre desse ano. As pessoas aplaudiam euforicamente, vendo o fruto do seu esforço recompensado. A exaltação da equipa foi interrompida por dois gritos do rapaz que saíra há uns minutos. Dos lábios tombaram sinais de dúvida no momento que ele apareceu e praticamente se jogou ao chão, com as mãos na cabeça. Um silêncio aterrorizador preencheu o espaço. Os corações ficaram em pausa perante o desequilíbrio emocional do jovem empregado. Com os olhos molhados, conseguiu encorajar a própria língua a soletrar aquilo que desejaria nunca ter visto.

- Ele está morto.... Sangue, muito sangue... Ele está morto.

Cinco horas depois, o navio atracou no porto do Funchal. Dois inspetores acompanharam o comandante do navio até ao camarote onde jazia Dave. O corpo encontrava-se deitado na cama, de barriga para baixo. Os lençóis ganharam a tonalidade vermelha do sangue que esvaiu do pescoço do defunto. Cravado na carne, um picador de gelo sustentava-se como se fosse uma marca de posse. Era como se alguém quisesse dizer "cheguei primeiro". O olhar do jovem revelava um certo pânico mas a tranquilidade necessária para perceberem que quem fizera aquilo era seu conhecido. Não existia, em nenhuma parte do cadáver, o sinal de que ele fora surpreendido por um monstro. Aliás, o monstro era-lhe familiar. O corpo foi analisado pelo médico legista que rapidamente determinou que Dave morrera pela falta de sangue, ou seja, não teria tido morte instantânea.

- Quem fez isto, não teve força suficiente para matá-lo à primeira. O corpo ficou aqui a esvair-se. Não entendo porquê não gritou... - sugeriu o médico.

- A música estava muito alta... - apressou-se a responder o comandante.

Uma sala de interrogatórios foi improvisada na sala de conferências do navio. Alguns funcionários foram rapidamente inquiridos. Revelavam uns rostos cansados pela falta de sono desde a noite do homicídio. Diane fora indagada em primeiro lugar, manifestando muita solicitude em todas as questões. Não era suspeita: ninguém consideraria que uma mulher fosse capaz de um ato tão bárbaro. Alfred entrou na sala todo vestido de preto. Trazia o semblante carregado e os olhos vermelhos, como se tivesse andado a chorar. Sentou-se diante dos inspetores e fungou.

- Alfred Harvy? - o interrogado acenou. - Parece-me que temos aqui um forte suspeito. Os seus colegas são unânimes em afirmar que o Alfred não olha aos meios para atingir os fins.

O neto do presidente, instantaneamente, começou a chorar, abanando a cabeça como se quisesse negar todas as acusações que lhe fizessem.

- Eu juro que não fui eu... - soluçava. - Não fui eu.

Os inspetores anotaram algumas coisas, carregando-o com um rol de questões que eram vagamente respondidas. Apontaram a saída de Alfred, acompanhado por um polícia até ao corredor. Antony deitou a cabeça pela porta, num gesto de comedimento, perguntando se poderia entrar. Tudo nele revelava nervosismo: transpirava a camisa escura, as mãos tremiam e o desequilíbrio das pernas fizeram-no embater numa das esquinas da secretária.

- Antony James? Vejo aqui que era um dos candidatos ao cargo de vice. Portanto, teria todos os motivos para assassinar...

O interrogatório foi rapidamente interrompido pelo velho, que colocou as mãos sobre a mesa, como se já esperasse aquele desfecho.

- Não vale a pena continuar com esses jogos... - suspirou. - Eu confesso. Matei o Dave.

Os inspetores entreolharam-se timidamente. Um agente aproximou-se pelas costas de Antony, disponibilizando as algemas para quando fosse dada a ordem.

- Podemos saber qual o motivo? – questionou um deles.
 - Mas não é óbvio? Claro que eu queria o cargo para mim e o Dave era o candidato mais forte, na minha opinião...
 - E entrega-se assim? Com essa facilidade? – perguntou, desconfiado.
- Antony afastou a cadeira e abriu as pernas numa posição de tanta fragilidade que emocionou a autoridade. Colocou os cotovelos sobre as coxas e escondeu o rosto transformado por uma incapacidade de saber lidar com tudo aquilo.
- Remorsos.... Remorsos – praticamente gritava. – Não consigo tirar da cabeça o som do sangue a escorrer... e aquele cheiro horrível... - abanava-se na cadeira, para a frente e para trás, como se aquele homicídio tivesse transformado toda a sua emoção numa enorme insanidade. Foi agarrado pelo agente. A cabeça tombava e os olhos nunca mais encararam alguém.
 - Este foi o caso mais fácil de resolver na minha vida – murmurou entre braços um dos inspetores, para o outro, enquanto Antony era levado por dois policiais para o exterior do barco.

Minha querida Diane,

Escrevo esta carta enjaulado na prisão de Massachusetts, rodeado pelos criminosos mais perigosos do Estado. Partilho esta pequena cela com um skinhead condenado por torturar e matar diabolicamente uma família de afro-americanos. Apanhou setenta e seis anos. Entendes onde me coloquei por ti? Nos primeiros meses, fui espancado e humilhado várias vezes, até ele ter conhecimento de que “matei” um negro. Pensa, agora, que eu sou um deles e protege-me, juntamente com o seu grupo – que eu tanto abomino!

Deves ter imensas perguntas a corroer-te a cabeça e eu quero responder a todas elas. Como sinto a tua falta, minha querida. Sei que mataste o Dave. Conheço-te, apesar de achares que não. Pressinto-te, apesar de me teres usado até à exaustão na realização dos teus objetivos. Percebi que vinhas diferente e que nada seria igual a partir daquele momento. Não consigo imaginar a razão para o teres feito. Essa pergunta consome-me o cérebro, todas as noites, quando olho pela janela e a única paisagem a que tenho direito resume-se a umas árvores altas filtradas por quadrados metálicos e arame farpado. Amava-lo assim tanto ao ponto de só saberes libertar-te desse amor através da morte? Ele tinha-te ao ponto de magoar-te, minha querida. Pedias-me para fazermos amor de luzes apagadas por vergonha do teu corpo, bem sei. Cheguei a ver as marcas na tua pele - que tanta falta sinto. A confirmação veio antes da viagem: vocês a saírem da arrecadação da empresa com todas as evidências de que ele tinha o direito de possuir-te em qualquer lado. E eu: apenas na cama e às escuras. Mentiste-me. Traíste-me. E eu salvei-te. Foste a única mulher que amei de verdade. E apenas por isso entreguei-me por ti.

Como é ser vice-presidente, Diane?

Com carinho,

Diane chupou o fumo quando leu a última palavra. Quis rir porém Alfred abocanhou o seio esquerdo antes que isso fosse possível. Encolheu-se, novamente excitada, e abraçou-se ao jovem. Ficaria ali por milhões de anos, se tivesse o privilégio de ser imortal.

- És uma quebra-corações – disse-lhe a voz entusiasmada por aquele corpo despido. – Quantos já apanhaste na tua ratoeira? Dave, Antony, eu... e agora o meu avô – garantiu o seu lugar dentro das coxas da mulher. – Como vai isso, afinal?

- Cada vez mais perto do nosso objetivo, meu amor – fechou os olhos e gemeu, encostada aos lençóis macios. – Não falta muito para que morra e tu ocupes o lugar de presidente.

Alfred suspirou e empurrou-se mais uma vez.

- Fico doente de ciúmes... - confessou.

- Tal como eu fico quando te vejo ao gracejos com aquela secretariuzinha – enterrou as unhas na carne do jovem que se debatia por cima dela. – Se me trocas, denuncio-te, patife – riu-se.

- Não serias capaz... - beijou-a. – Amas-me, eu sei.

- Eu não amo ninguém, querido. Mas quero-te. E enquanto te quiser, ninguém saberá que entraste naquele quarto e enfiaste o picador no pescoço de Dave para me salvar... - cerrou, novamente, as pálpebras e deixou o orgasmo inundá-la.

PAULO SOARES D'ALMEIDA nasceu em Santo Tirso, em 1993. Encontrou o seu habitat nas palavras de Poe mas a sua verdadeira paixão é a sétima arte. Cinéfilo, é autor do podcast *Conversas, Café & Cigarros*, onde debate vários assuntos. Escreve críticas de arte, contos e está a trabalhar na sua primeira série. É defensor dos animais, dos direitos humanos e de políticas de equidade social.

VALENTINA SILVA FERREIRA nasceu no Funchal, em 1988. Licenciada em Direito e mestre em Ciências Jurídico-Criminais. Autora de *Distúrbio* (Ed. Estronho, 2011) e *A Morte é uma Serial Killer* (E.E, 2012). Co-autora em mais de vinte antologias portuguesas e brasileiras. Organizadora da coletânea *Insonho - Durma bem!* (E.E, 2015). Vencedora de prémios literários nacionais e internacionais. Dinamizadora do Projeto *Escrita Fantástica*.

To catch a thie
(Ladrão de casaca)

1955

Dirigido por Alfred Hitchcock



O DIA DA CAÇA

Por Nicole Ayres

Olho para o relógio. 3 da manhã. E eu ainda na seca. Sinto os efeitos do excesso de álcool. Penso em desistir. A maré não está pra peixe. Acontece. É quando eu a noto em meio ao piscar colorido de luzes, que quase me entontece a essa altura. Seus grandes olhos negros de felina me fitam provocativamente. A boca vampiresca pintada da cor do sangue exhibe dentes brancos que brilham no escuro. Ela sorri. Sorrio de volta. Se aproxima dançando, segurando uma bebida translúcida como seu vestido, que dispensa decote.

Dançamos juntos, intuitivamente, nos comunicando com o corpo. Palavras são dispensáveis. Gosto dela assim, de cara. Sexy, direta, divertida. Bom. Após algum tempo, bêbados e cansados, saímos da boate – ela me puxa, e indica suas intenções com o olhar ansioso. Finalmente nos falamos, lá fora.

– Onde você mora? – pergunto.

– Não. Prefiro motel.

Impessoal. Ok. Melhor assim.

– Você tem carro?

– Vamos de táxi. – decido.

Ela consente. Chegamos ao motel mais próximo minutos depois. Trocamos alguns amassos dentro do veículo. Quente. Boa escolha. O quarto do motel é brega, todo decorado de rosa, travessieiros de coração, espelho no teto e o escambal. Ela comenta isso. Concordo.

– Filme? – seguro o controle remoto.

– Não.

– Champanhe?

– Tá de brincadeira?

Ela ri. Rio junto. Já bebemos demais. Quando me viro, ela está deitada na cama, nua, com as pernas abertas, me olhando como uma cadela no cio. Essa praticidade me agrada, confesso. Difícil mulher assim. Tiro a roupa e me aproximo, empunhando o pau duro, que a faz gargalhar, não sei se de excitação ou por efeito da bebida. Não faço muita firula. Me joga em cima dela e a penetro com toda a força. Ela geme, me encoxa, se sacode por baixo de mim, arranha minhas costas, morde minha boca, meu queixo. Transamos violentamente. Mais de uma vez – perco a conta. Nem sei quanto tempo dura. Acho que já é dia. Tanto faz.

Muito bom. Tenho vontade de repetir a dose – é a primeira vez que isso acontece. Mas não dá. Ela dorme intensamente sobre o lençol felpudo. A desgraçada é tão bonita quanto gostosa. Nem sei o nome dela – melhor nem saber. Meus olhos pesam. Eu deveria tirar um cochilo. Só que não posso arriscar que ela vá embora. Vai ter que ser logo. Normalmente nem espero tanto. Já aconteceu de ser simultâneo com o momento do

gozo. Dessa vez é diferente. Já gozei. Tudo bem. Gozo de novo. Cada sensação é única e se complementa. Deixa de moleza e vamos logo, penso. Tenho que cumprir o ritual.

Levanto. Busco o objeto na sola do sapato, o lugar de sempre. Subitamente acometido pela adrenalina, imaginando a cena, até desperto. Ela se mexe um pouco. Caralho, que pernas! Eu devia colecionar. Montar a mulher perfeita. Usaria as pernas dela. Taí uma ideia. Mas depois. Sento na cama devagar, a seu lado. Aproximo a faca de seu pescoço. A lâmina faz cosquinha em sua pele. Acaricio seus cabelos. Ela sorri. Tadinha. Tadinha nada. É uma vadia, todas são. Devem ser eliminadas. Só servem pra isso – trepar e descartar. Essa é a regra. Nada de se comover. Eu nunca fui disso.

Ela se espreguiça, ainda com os olhos fechados, tateia a cama com as mãos, me procurando. Me envolve com os braços, abre a boca. Beijo. Afasto a faca. Tudo bem. Talvez só mais uma vez. A saideira. Meu pau até fica duro de novo. Seguro a faca com uma das mãos e com a outra toco seu corpo nu, delicioso. Vou fazer igual com aquela outra, matar durante o sexo. Gozo duplo. É bom. Só não posso deixar que ela veja a arma.

Ela me puxa para a cama, monta em mim, começa a cavalgar. Preciso inverter a posição. Fecho os olhos por um momento e, quando abro, é ela quem segura uma faca. Mas não a minha, outra, que ela tirou, sei lá, do cu, de onde diabos ela tirou isso?

– Que isso? De onde você pegou?

– Tava escondido. Você nem notou.

Puta que o pariu. A mulher é louca? Agora não tem mais jeito. Avanço para cima dela, com tudo, tentando pegar a porra da faca com uma mão e segurando a minha, com a outra. Mas a demônia é ágil. Ela se esquiva, eu quase caio da cama, ela me apunhala por trás, ai, caralho. Com a faca enfiada nas costas, me viro, tento golpeá-la, com ódio, ela vai se esquivando, dá uns chutes na minha barriga, no meu pau, porra, que dor. Seguro sua perna, ela morde meu braço, quase arranca um pedaço, sai sangue, a desgraçada é dura na queda, deve ser lutadora pra saber se defender assim. Consigo cortar sua perna, ela tira rápido, chuta minha cara, rouba minha faca, fodeu. Tiro a faca das costas, lanço contra ela, a lâmina arranca um naco do seu braço esquerdo e crava na parede. Os dois bêbados, depois de uma orgia daquelas, nem sei como temos forças pra lutar assim. Deve ter sido isso que me desestabilizou. Puta merda, eu devia ter percebido que essa mulher era furada.

Agora já era. Ela me olha feito uma maníaca, me joga na cama, minhas costas sangrando, eu já desisti de lutar, chega.

– Chega.

– Agora que tá ficando bom? – ela sorri, sádica.

– Por que cê tá fazendo isso?

– Pelo mesmo motivo que você. Que coincidência, não é mesmo?

Puta coincidência. E eu quase com pena dessa infeliz assassina. Não poderia ter hesitado. Taí. Ela me fura várias vezes, no peito, nas pernas, até meu pau ela corta, tô todo lambuzado de sangue. Meus gritos são abafados pelo som da TV, ligada no máximo, por ela, é claro, a diaba pensou em tudo. Mamãe tinha razão, são todas umas vadias, vadia, ela

devia ter morrido enquanto era tempo, agora sou eu a vítima, que ódio, que injustiça, que... A última coisa que eu vejo, antes de apagar, são seus grandes olhos negros de felina, que brilham de excitação.

NICOLE AYRES é formada em Letras port/francês. Apaixonada pelas palavras, desde que aprendeu a ler e a escrever, não parou mais. Mantém os pés no chão e a cabeça nas nuvens. Posta algumas bobagens no blog Sentimentos em Computas e possui alguns projetos em (eterno) desenvolvimento.



The wrong man
(O homem errado)
1956

Dirigido por Alfred Hitchcock

O DIABO ESTÁ NOS DETALHES

Por Vilto Reis

No café da manhã, frito dois ovos pequenos como de lagartixa. Despejo tudo no pão encharcado de banha pra tentar engolir.

Um vidro se estilhaça na sala. Vou até lá.

Nada.

Ouçõ passos na cozinha. Volto.

Nada.

Devo estar louca. Engulo em seco. Lembro do que seu Artur me contou sobre a casa que aluguei. Sou materialista convicta, cética, não acredito em nada. Mesmo assim, penso nos detalhes. O diabo está nos detalhes. A voz de calha pingando do velho que não deveria ter me contado essa merda de história.

“Se eu fosse você”, disse, “nunca moraria lá, minha filha. A casa é amaldiçoada. Tem dinheiro maldito enterrado em algum lugar daquele chão. Todo mundo sabe.”

“Se todo mundo sabe, por que não arrancaram ainda?”

O homem baixou o tom de voz.

“É amaldiçoado, menina.”

“Contei a história sobre o último viajante que ficou ali?”

“Conheci o senhor hoje, esqueceu?”

“Pois vou contar. O camarada tava na cidade a negócios. Alugou a casa por uma semana, mas acabou dormindo lá uma noite só. No outro dia, vi ele vagando pelo Centro com cara de boi louco. Perguntei o que tinha acontecido. Respondeu que ouviu vozes. Insisti querendo saber que conversa fiada era aquela. O homem disse que no meio à noite, uma voz falou, ‘eu caio, eu caio.’ Ele era meio meio metido, então respondeu, ‘pode cair, não caindo em cima de mim, tá bom.’ Pra encurtar a história, caiu um braço no meio do quarto. A voz disse repetiu: ‘eu caio, eu caio.’ O camarada respondeu a mesma coisa, até que caiu o outro braço. Depois, uma perna, outra perna, o tronco e finalmente a cabeça. E tudo se juntou. Daí em diante, ele travou e eu tive que esperar que acabasse a história, mas não conseguiu. Apenas resmungou palavras como, escuro... ouro... escuro... Não entendi nada. Nunca mais vi o camarada.”

Vou dar uma volta pra esquecer. Do diabo. Dos detalhes.

Do outro lado da rua, seu Artur abaixa a luneta que usa pra espiar a vizinhança. Acena. Resolvo falar com o homem, meu único

conhecido até então. Logo ficamos sem assunto.

“Seria boa uma chuvinha, não é mesmo?”

“Não adianta, seu Artur. Hoje de madrugada choveu, mas não refrescou.”

“Tá doida, menina? Não choveu não.”

A reação me pega de surpresa. Sei que o homem tá mais velho que museu. Os cabelos branco-amarelados provam isso. Só não podia imaginar que tava gagá.

“Seu Artur, acordei de madrugada e tava chovendo e ventando. Tenho certeza.”

“É mesmo? Então por que o chão tá tão seco? Olha ali minhas flores. Tão morrendo.”

Outro dia.

Me cubro com o lençol feito um verme embaixo da terra. Tento me apegar em qualquer lembrança que preste.

Penso num dia que levaram minha mãe. Gritei por meu pai. Ela me deu uma foto preta e branca. Um homem de barba grisalha ao lado de um cavalo preto. Um detalhe que só percebi depois de adulta, meu pai tinha metade do pé amputado.

Ouçõ dois gritos seguidos, vindos da cozinha. Fico de pé. Não sei se tenho coragem de ir até lá.

Vou devagar. Passo a passo.

Ao entrar na cozinha, uma surpresa.

Nada.

Dou a volta em redor da mesa.

Piso em uma poça. Uma poça vermelha.

Corro pro outro lado, deixando pegadas no chão da cozinha. O sangue escorre de debaixo da pia. Abro o armário. Cadê o detergente?

Me acalmo. Vou ao quarto e troco de roupa.

Preciso ir ao mercado.

Chega a minha vez no caixa. A atendente morena com sotaque nordestino olha pra mim. Observa minhas compras e depois me fita arregalada, como se eu estivesse roubando alguma coisa.

“Que foi? Algum problema?”

“A senhora tá dormindo bem? Tá com umas olheiras.”

“Ah, nem me fala. Ando tendo uns sonhos.”

“É não? Espero que seja com dinheiro. Se sonhar três vezes, não esquece de desenterrar.”

“O que disse?”

“Nada, nada. É só uma história antiga sobre dinheiro enterrado.”

Fico puta dos cornos. Aos diabos, com essa maluca, tentando me enfiar medos.

“Deixa pra lá, minha senhora. Olha só, toma cuidado com isso aqui, tá? É cloro. Bom pra limpeza, mas queima como o inferno.”

O diabo está nos detalhes.

“Não interessa. Limpando sangue, tá bom.”

“Que isso, dona. Tá louca?”

Louca. O eco da palavra badala em minha cabeça.

Acho que dou um tapaço na rosca da orelha dela. Olho ao redor. Algumas pessoas se aproximam, talvez pra me cercar. Pego a sacola com os produtos de limpeza e saio correndo pra casa.

Limpo o sangue.

Descanso.

Respiro.

Será que bati nela?

Acordo meio-dia.

Meu Deus, tô ficando doida. Não posso.

Dou um salto da cama. Abro a janela e respiro o ar da manhã.

Mais dois gritos.

Tenho um mau pressentimento. Lá fora, uma ave pia esquizofrenicamente.

Crio coragem e entro na cozinha.

Lá está.

Aumenta. Cresce. Mais do que tudo, assusta.

De debaixo da pia, uma poça de sangue escorre na direção dos meus pés. Assim que começo a me acostumar com a situação, levo outro susto. Quem colocou isso aqui?

O cabo se escora à cadeira, deixando exposta a superfície negra de metal banhada em vermelho. Uma pá molhada de sangue. Perco o controle, minha visão se embaralha por algum tempo.

Mas sei o que tenho que fazer. Cavar.

Tiro a pia do lugar. A torneira pendurada esguicha água por tudo. O frasco de cloro cai no chão. Ajunto e deixo do meu lado. Seguro o cabo de madeira e permito que escape um sorriso que não sei donde veio. Ergo bem alto a pá e com toda forças bato com ela no piso. Cacos saltam por todos os lados. Vou cavando. O contrapiso se despedaça, revelando a terra escura. Cavo cada vez mais, demoníaca, munida de uma força desconhecida. Ouço um baque de metal contra madeira.

Não sinto mais meus braços. Ainda assim, consigo erguer o baú. Tem o tamanho da caixa de uma máquina de escrever. Limpo a testa com os dedos cheios de terra cobrindo a cara de lama.

Chacoalho e conheço o barulho do que tem dentro.

Então algo atinge minha cabeça.

O diabo.

Os detalhes.

Seu Arthur?

Meu pai?

Um cavalo relincha pertinho. Tonta, cambaleio e vejo o homem à minha frente. O ódio por seus cabelos branco-amarelados me morde, por minha loucura, por ele. Antes que me acerte de novo, pego o

frasco de cloro que está no chão, tiro a tampa e jogo tudo nos olhos dele.

Enquanto ele grita, o acerto com o baú, que se abre e espalha moedas pelo chão. A água que corre da pia fica vermelha aos meus pés.

Saio correndo pela casa, esbarrando nas paredes.


Acho a porta.

Ouçõ a gargalhada de um velho.

Corro. Corro. Corro.

Em minhas mãos, há uma moeda de ouro.

VILTO REIS é idealizador do site Homo Literatus e apresentador do podcast 30:MIN. Tem contos publicados em revistas online e nos livros *Projeto Beta* (EdiFurb, 2015) e *Sentimentos à flor da pele* (crowdfunding que organizou). Seu romance *Um gato chamado Borges* foi finalista do Prêmio SESC e será publicado em 2016 pela Editora Nocaute.



The man who knew too much
(O Homem Que Sabia Demais)
1956
Dirigido por Alfred Hitchcock

O ESTRANHO

Por Cláudia Lemes

— *Você encontrou o quê?*

A voz saiu cortada pela interferência tão comum dos telefones públicos. Era rouca, doce, e trazia em cada sílaba pronunciada a promessa dos beijos que viriam quando se encontrassem.

Ele repetiu, mais devagar, apertando a mão no plástico oleoso do receptor:

— Um bilhete de uma loja de penhores.

— *Mas por que eu deveria me importar?*

Ele sorriu ao reconhecer a típica indelicadeza que era intrínseca ao charme de Violeta. Limpou o suor onde a testa encontrava a borda do chapéu. Em poucas horas a teria nos braços. Ouviu na linha o choro ressentido do filho recém-nascido que ele conheceria naquela mesma noite. A garganta sentiu um nó que anunciava um choro de gratidão e felicidade, mas ele o engoliu e decidiu explicar para a esposa o que lhe acontecera apenas alguns minutos antes.

— Estava tomando um café aqui na estação antes de ligar e quando estava saindo encontrei o bilhete. A descrição do objeto e o valor estão borrados de café e não consigo saber o que é, mas vejo que o valor tem quatro dígitos.

O chiado agressivo de um trem partindo foi poderoso o suficiente para que ele não ouvisse a resposta. Decidiu cortar a conversa pela metade:

— A gente se vê à noite. Meu trem sai às sete. Estou com saudades. Acredita em mim?

A voz pareceu ainda mais doce quando disse: — Sim, seu bobo, acredito. Eu também.

Ele estava prestes a pendurar o receptor no gancho metálico quando ouviu a advertência divertida e mandona da esposa.

— Não vá atrás de bilhete de loja de penhores e essas coisas... não inventa besteira. Você é curioso demais.

— Sim, senhora. — ele mentiu, sorrindo. Complementou com uma verdade absoluta: — Te amo.

E assim Fernando Prestes girou nos calcanhares e saiu da cabine telefônica, antecipando o encontro com a jovem que ele pedira em casamento dois anos antes, e de quem sentia uma saudade esmagadora quando precisava viajar a negócios. Fora um azar que o primeiro bebê do casal decidira vir ao mundo logo no meio de uma daquelas viagens, mas Fernando não passou nem um minuto inteiro lamentando o fato: a volta seria ainda melhor.

Enquanto cruzava a rua movimentada, seus pensamentos foram arrastados para o papel em seu bolso. Não a passagem do trem, e sim o tíquete da loja de penhores. Ao chegar à calçada oposta, parou e meditou. Não conhecia tão bem a cidade de Pinhal dos Santos, e precisaria de ajuda se quisesse chegar ao estabelecimento. As buzinas dos carros na rua atrás de si

o despertaram de seu momento de dúvida e ele procurou o cenário ao seu redor por um rosto que pudesse auxiliá-lo. Sentado a uma mesa do lado de fora de um boteco havia um homem bem vestido lendo um jornal.

Fernando lhe pediu informações. O estranho explicou que o endereço procurado por ele era do outro lado da pequena cidade. Caminhando até um taxi, Fernando lembrou-se da advertência de Violeta, mas balançou a cabeça com divertimento. A esposa era daquele tipo de mulher preocupada em demasia, que sentia, pensava, analisava e falava demais. Ele se perguntara em diversas ocasiões de onde a jovem de cacheados e volumosos cabelos negros tirava energia para tanta atividade emocional. Já ele, bem, era um homem do intelecto, cuja curiosidade rendia boas histórias à mesa do jantar quando cercado de bons amigos.

No taxi, Fernando se acomodou no assento estofado e com cheiro remanescente de cigarro. Tirou do bolso o tíquete. NÚMERO 8-51. NOME estava em branco, assim como ENDEREÇO. Em DESCRIÇÃO estava o borrão de café, misturado à tinta negra da caneta, formando arabescos amplos e aquarelados que haviam deixado o papel endurecido naquele canto. VALOR: outro borrão. Ao aproximar o papel do rosto, achou ter distinguido um 8. Fernando sabia que lojas de penhores pagam dez por cento do valor do objeto, então poderia muito bem ser algo que valesse oitocentos ou mais.

Surpreendeu-se quando olhou pela janela e viu que haviam entrado num bairro pobre e decrépito. Passando por eles no ritmo constante do carro, viu casas com tinta descascando, mulheres descabeladas banhando criancinhas nuas com o auxílio de baldes, e homens sujos papeando em esquinas. A apreensão foi como ingerir uma bebida gelada, mas ele a superou depressa, prometendo a si mesmo mais uma experiência interessante.

Quando o taxi diminuiu a velocidade, ele viu um pequeno sobrado cujo térreo fora modificado para parecer um estabelecimento comercial. A vitrine mostrava alguns aparelhos domésticos, anéis e colares, uma estola, uma espada, e algumas caixas de joias. Sentindo a empolgação remexer-lhe o estômago, Fernando pagou o motorista e desceu. Apertou o chapéu contra o peito e estudou a loja. Notou que o dia começara a escurecer e assegurou a si mesmo de que tinha tempo até o trem partir.

Ao entrar, notou que a fraca luz da janela banhava os objetos mais próximos, e ao mesmo tempo evidenciava as sombras que caíam sobre os demais. O balcão tinha a tampa de vidro para mostrar relíquias solitárias deitadas numa camada de feltro vermelho.

Percebendo-se sozinho na loja, Fernando olhou em volta antes de tocar uma campainha enferrujada no balcão. Quase que de imediato um homem barrigudo e careca saiu de trás de duas folhas de cortina escura. Caminhou com dificuldade por causa do peso, arrastando os pés, e limpando o suor da testa com um lenço. — Boa tarde, meu senhor, posso ajudar?

Ele ofereceu o tíquete ao homem: — Preciso recuperar esse objeto. Minha esposa mandou busca-lo.

O homem olhou o tíquete. Fernando fingiu naturalidade ao olhar mais uma vez para a coleção heterogênea de objetos na loja, que variavam entre pássaros empalhados, livros e velhos mosquetes.

— O que aconteceu com seu tíquete?

— Café, meu amigo. Estou com um pouco de pressa.

O homem assentiu e deu uns passos até uma caixa onde guardava canhotos. Mexeu em alguns papéis, conferiu o tíquete de Fernando, e então

levantou as sobrancelhas. — Ah, sim.

Ao observar com antecipação o vendedor voltar, Fernando teve a impressão que o homem deixava uma trilha oleosa no chão quando passava, como uma lesma. Ele colocou uma bengala sobre o vidro.

Ora, aquilo era uma deliciosa coincidência! Entre os muitos objetos que Fernando gostava de colecionar, bengalas eram sua paixão. As mais bonitas e antigas eram caríssimas, por isso a coleção ainda era bem modesta. Comprara um vaso alto de vime que colocara no canto da sala, mesmo sob os protestos pacientes da esposa. Dentro ele já contava com quatro bengalas, e aquela coisa linda diante de si agora era perfeita para ser a quinta felizarda.

Ele tocou a superfície roliça do objeto, sentindo a frieza e suavidade do mogno. O cabo era feito de marfim entalhado para formar uma cabeça de lobo. Um trabalho esplêndido, digno de ser exibido para grandes convidados.

— Certo, certo. — Com medo que o dono da loja trapaceasse, disse: — Te devo oitenta? Ela disse um valor aproximado.

Enquanto o homem verificava a metade dele do tíquete, Fernando não evitou um suspiro de alegria e orgulho.

— Ah, sim, — o vendedor o interrompeu. — oitenta e sete.

Ele abriu a carteira e viu que aquilo lhe custaria praticamente todo seu dinheiro. Calculou que por aquela bengala poderia caminhar de volta até a estação em vez de pegar um táxi, e valeria a pena passar fome no trem, abdicando-se do jantar, até chegar em casa. Na sua cidade seria fácil arranjar quem o levasse até a porta de casa com a promessa do pagamento quando chegassem. Pagou o homem, recebeu algumas moedas de troco, e perguntou, antes de sair:

— Como chego até a estação de trem daqui?

— Ora, é só chamar um táxi, senhor.

— Vamos supor que eu quisesse caminhar um pouco.

— Nesta parte da cidade, nesse horário? Bem...o senhor deve virar à esquerda ao sair da loja e caminhar por duas quadras. Na Rua Senador Almeida siga por uns dez quarteirões. De lá pegue a Avenida do Condutor e siga até a estação. É uma longa caminhada.

Fernando conferiu o relógio de bolso. Quarenta minutos para pegar o trem. Conseguiria. Agradeceu e saiu da loja. O exterior mudara consideravelmente, e ele sentiu rajadas de vento penetrando-lhe o paletó. Com a bengala na mão, sorriu ao encostá-la ao chão, e notou que seus passos adquiriram um balançar sutil e animado ao caminhar sobre os paralelepípedos como um dândi.

Foi depois de caminhar duas quadras e tomar a Rua Senador de Almeida que ele saiu de seu encanto com a aventura do dia e sua recompensa, e começou a ficar mais preocupado com a falta de pessoas na rua, na escuridão do céu acima, e o horário. Apertou o passo, tirando a bengala do chão e mantendo-a perpendicular ao corpo, e logo sentiu o coração bater mais depressa e o terno começar a parecer quente e pesado. Com a mão esquerda sentiu a passagem do trem no bolso e a textura do papel o reconfortou. Logo estaria com o filho nos braços e comeria a succulenta comida da esposa enquanto contasse a história.

Foi na terceira quadra da Rua Almeida, com os paralelepípedos irregulares iluminados pela luz amarelada dos postes e o som de conversas e talheres vazando das casas, que Fernando sentiu-se sendo observado.

Parou de caminhar e virou a cabeça por cima do ombro. Uma sombra

parecia ter se mexido à distância. *Estou cansado, vendo coisas que não existem. São só sombras.* Balançando a cabeça para si mesmo num gesto de repreensão, ele continuou andando, contando ao atravessar a rua que estava entrando no quarto bloco. Caminhou mais depressa, já sentindo uma dor pinicar o lado direito do abdome.

Alguns minutos se passaram quando teve a certeza absoluta que estava sendo vigiado. A sensação era de calor nas suas costas e cabeça, e ele sentiu os pelos dos braços se arrepiarem. Não olhou para trás, com medo de parecer medroso. Continuou andando, desta vez perguntando-se se seria um ladrão.

Passos.

Teve certeza que eram passos atrás de si, mais próximos, mas não se virou. Caminhou mais depressa, a bengala já pesando na mão, esticando os músculos do braço. Respirou fundo e sentindo o coração disparado, reuniu coragens para assustar seu perseguidor. Girou o corpo de imediato para intimidá-lo, deixar claro que estava ciente da presença e intenções do outro, mas novamente, só viu uma sombra desaparecer.

Parado, o peito ofegante, Fernando viu a rua atrás de si estender-se até a escuridão. Tudo parecia um borrão em tons de amarelo e cinza, e ele percebeu que comera muito pouco e esforçara-se demais. Tentou recuperar controle da respiração. Foi então que as sombras se moveram mais uma vez e ele percebeu que um homem saíra de um beco por um breve momento, então fora engolido por ele mais uma vez. *Eu estava certo*, pensou, alarmado. *Ele está me seguindo.*

Fernando se virou pôs-se a correr. Não sabia o que o estranho queria com ele, mas sabia que não podia ser coisa boa. Talvez fosse um ladrão comum atrás de um homem de negócios sozinho para conseguir alguns trocados, mas logo sua mente ligou os fatos, e pensou que poderia ser o verdadeiro dono da bengala, sem dinheiro para recuperá-la, esperando que ela fosse retirada da segurança da loja para poder obtê-la por meios violentos. Bem, ele não tinha tempo para descobrir e não tinha intenção alguma de abrir mão da bengala companheira.

Ouvia seus próprios sapatos batendo contra as pedras da calçada, o ar entrando e saindo de sua boca. A garganta estava gelada, a dor no lado do abdome mais intensa, e os músculos da perna e braços parecendo esticados a ponto de arrebentar. Logo reconheceu o eco de passos atrás de si e não houve mais dúvidas: o estranho estava correndo até dele.

Arrebatado por uma lucidez aguda, maníaca, Fernando percebeu-se correndo como se a morte estivesse atrás. Os passos do outro ganhavam velocidade, assim como sua respiração rápida e profunda.

As casas passavam por ele, o vento cortando sua bochecha e penetrando-lhe as roupas, e o caminho diante de si tremia com sua corrida furiosa. *Este é o momento*, o pensamento rasgou a esperança, *posso morrer aqui, nessa rua imunda, nessa cidade medíocre, e nem ao menos saberei o porquê.*

Diante de si viu a placa da Avenida do Condutor. *Cheguei até aqui*, ele sentiu os olhos lacrimejarem. *Estou na rua da estação.* Sem pensar, empurrou as pernas para contornar a esquina. Alguns carros passavam rápido, e Fernando lembrou-se daquela parte da avenida, pois estivera ali no dia anterior. Havia ainda um longo caminho até a estação, e aquele lugar, embora mais populoso e urbano, também era notório pelos criminosos e prostitutas

que ali circulavam. De qualquer forma havia algumas pessoas na calçada, e Fernando entregou-se ao cansaço, parando de correr, e apoiou as costas contra um muro. Seu perseguidor ainda estava encoberto pelas sombras, e diminuía o ritmo, caminhando em sua direção.

Por um momento ele decidiu ficar parado. O que o homem faria se ele ficasse ali, sem demonstrar medo? O que teria coragem de fazer numa rua onde outros caminhavam?

Fernando viu uma mulher do outro lado da rua, conversando com um homem. A fumaça de cigarro flutuava no ar, e com o vento ele pôde ouvir uma risada suave. Mesmo assim estavam longe, e não pareciam ser pessoas que o ajudariam. Cansado demais para pensar em continuar correndo, ele decidiu esperar o homem se aproximar. O cansaço era tão grande que por um instante ele pensou que o risco valia a pena.

Então, mesmo na pouca luz daquela avenida maldita, ele viu o homem colocar a mão no bolso do paletó. Fernando empertigou-se, alerta. A figura do homem, agora a sete metros de distância, foi encoberta pela escuridão criada por um poste sem luz. Então veio o som que fez com que Fernando tivesse um momento de paralisia. O estalo seco e absurdamente alto cortou a noite, e ele só percebeu que viera de uma arma quando ouviu os gritos estridentes da moça, alguns outros berros rápidos, e o som de pessoas fugindo e portas batendo. Fumaça agora saía do cano da arma, muito parecida com a do cigarro de alguns minutos atrás. O medo apertou o peito de Fernando, e antes que pudesse raciocinar, pôs-se a correr novamente, sentindo o corpo inteiro tomado pelo pânico.

Outro tiro cortou o mundo em dois. Sua reação natural foi encolher-se enquanto pensava *meu Deus, vou morrer, vou morrer hoje, vou morrer sem conhecer meu filho!* E o motivo agora pouco importava.

Um banho de luz logo à frente, de um poste cuja lâmpada não fora estilhaçada por bandidos, revelou a porta aberta de um armazém. O cheiro de peixe encontrou suas narinas, misturado ao odor forte de urina e lixo, mas Fernando os ignorou. Correu para dentro, onde não havia luz alguma.

Sem enxergar, focou nos sons lá de fora. Alguém corria, se aproximava. Ele sentiu a mão suando contra a bengala. Apertando o cano de mogno, ergueu sua nova aquisição no ar e afastou um pouco as pernas. Não era um homem de confrontos físicos, mas não conseguia formular um único pensamento. Com o coração esmurrando o peito, ele engoliu e esperou.

O homem estava diante dele, investindo com agilidade e fúria. Fernando girou a bengala no ar, mas sentiu o impacto antes disso. Caiu no chão sem sentir dor, e o peso do homem estava nele, sufocando-o. Entre grunhidos e respirações ofegantes, Fernando percebeu que o outro era mais jovem e forte, e tinha um cheiro sintético de pinho que ele já sentira antes, mas não conseguia lembrar-se de onde. Lutou, esperando sentir uma bala penetrar-lhe a qualquer instante, e então ouviu o som de metal contra o concreto. Guiado pelo instinto, esticou a mão e a sentiu tocar a arma. Fechou os dedos em torno do cabo, sentindo o indicador enfiar-se no guarda-mato como se houvesse feito aquilo antes. Com a mão trêmula virou o revólver em direção ao homem, que estava prestes a dar-lhe um soco, usou o dedão para engatilhar a arma, e apertou o gatilho.

O estalo foi tão forte quanto o impacto do tiro despreparado de Fernando, que sentiu um choque nas mãos. Assim que percebeu que havia atirado, soltou um berro e esquivou-se, engatinhando para longe do homem,

que caiu de cara contra o chão sem emitir som. Fernando tentou enxergar, mas na escuridão do armazém só conseguiu distinguir que o outro não se mexia mais. Ele largou a arma e ouviu o mesmo som de metal contra o concreto.

Correu antes de tomar uma decisão. Correu como nunca correria, sem sentir mais nenhuma espécie de impedimento físico. Não viu a rua, não viu pessoas, não formulou pensamento. Havia apenas uma coisa em sua mente: o trem para casa. Seu lar. Sua esposa. Seu filho. Os músculos da coxa ardiam, o peito gelado queria parar, queria ceder. Quando Fernando conseguiu distinguir uma emoção, foi alívio ao perceber que estava na estação de trem. O bilheteiro já estava de costas, subindo os degraus.

— Espere! — Fernando berrou.

O bilheteiro virou o rosto e desceu um degrau, a mão enluvada estendida. Fernando entregou-lhe o bilhete e agarrou-se ao trem. Recebeu sua outra metade da passagem e entrou.

A casa era tão acolhedora que ele quase chorou ao ver sua porta de madeira. Tudo aconteceu rápido demais: ele entrou, e de repente estava na sala com papel de parede verde escuro, as luzes amareladas brilhando nas dobras das cortinas, na madeira da mesa, no piso polido. Ouviu passos apressados na escada e então a esposa, cujo rosto demonstrou surpresa ao vê-lo.

— Estou tão abatido assim, meu amor? — a voz dele saiu falhada. — pague o taxi.

Viu que Violeta movera depressa, saíra com um farfalhar do vestido. Ele lembrou-se de ter lavado bem as mãos no trem, de ter esfregado o paletó ensanguentado na pia do lavabo, e lembrou-se da mais estranha das sensações ao constatar que de alguma forma a bengala ainda estava em sua mão. Não se lembrava de tê-la recuperado depois do tiro, mas tudo era possível. Tudo era um borrão, tudo era desconexo.

Ele removeu as roupas molhadas do sangue do homem cujo nome não sabia. Sentou-se, apenas de calças, no sofá, mal acreditando estar salvo. Lembrou-se da decisão que tomara no trem: ninguém deveria saber, fora Violeta. Nem a polícia. Nunca descobririam que ele fora responsável pela morte daquele homem. Seus negócios e sua família não sofreriam e tudo, eventualmente, voltaria ao normal. Agira em defesa própria.

A figura esguia da esposa, com a barriga ainda um pouco saliente do parto, parou diante dele. Os cabelos negros soltos na altura da cintura, os enormes olhos escuros. Ela olhava para ele com uma expressão de confusão e medo.

Fernando pegou a mão dela. Escolhendo as palavras com calma, contou para a esposa o que havia se passado nas últimas horas. Confessou o assassinato. Apontou para as roupas e ergueu a bengala com a mão esquerda. — Veja o cabo...— ele falou, entre lágrimas — ainda tem o sangue do maldito! Fiquei sozinho no trem, tentei me livrar de todas essas provas horríveis de um crime que nunca quis cometer, mas estava atordoado, só conseguia pensar em você.

Violeta engoliu em seco. Alisou o vestido. Lambeu os beiços. — Vá ver o bebê. Depois conversamos.

A voz tinha um tom tão autoritário que ele não encontrou forças para negá-la. Deixou a bengala e subiu as escadas com joelhos fracos e entrou no

quarto do filho. Ah, sábia esposa. Só uma visão daquelas poderia curar Fernando daquele terrível dia. Que coisa pequena e inchada, bela e pura naquele berço que parecia grande demais. O bebê dormia e Fernando apertou os olhos, sentindo as lágrimas sufocarem-no. Cabelos tão claros...como quem? Ora, ele e Violeta tinham cabelos negros. Pensou nos pais, nos tios, mas não se lembrava de nenhuma pessoa com cabelos claros na família. Perguntaria pra Violeta num outro momento. Agora não queria pensar em mais nada que não fosse a criança linda que lhe dera forças para sobreviver àqueles eventos inacreditáveis.

Não soube quanto tempo ficou ali, olhando para o filho no berço. Perdeu-se na sensação de amor, de conhece-lo verdadeiramente pela primeira vez. Chegou muitas vezes a esquecer-se dos horrores pelos quais passara.

Quando desceu, Fernando deparou-se com Violeta abrindo a porta para homens uniformizados. Policiais. Fortalecido pela visão da criança, e certo de que não havia feito nada de errado, Fernando a perdeu pela impulsividade.

Explicaria tudo com calma para o delegado. Deixou-se algemar. Olhou para Violeta esperando ver lágrimas grossas molhando os cílios enormes e escuros dela. Em vez disso, viu olhos secos. Ela entregava a bengala para os oficiais, explicava algo numa voz corrida.

— A sangue frio... — ela fechou os olhos e colocou uma mão sobre o peito. — quando descobriu tudo. Tenho certeza que encontrarão meu amado num armazém, perto da estação de Pinhal dos Santos.

Fernando não conseguiu dizer uma palavra sequer quando foi empurrado para dentro do carro da polícia. A boca estava seca.

Olhou para o lado esquerdo, para além da janela, e viu Violeta parada na porta da frente, emitindo um choro forçado, sendo consolada por um dos policiais de chapéu e uniforme preto. O carro tremeu quando foi ligado e com o movimento, Violeta, sua casa, e o bebê loiro foram ficando cada vez mais distantes.

Fernando sentiu o coração gelar quando percebeu que escapara da morte, mas não da cilada.

CLÁUDIA LEMES é autora do thriller policial "Eu Vejo Kate", pela Editora Empíreo. Entrou no mercado com obras independentes e logo conseguiu destaque em blogs literários e na rede social Skoob. Escreveu 8 livros de diversos gêneros (drama, western, terror e suspense) em inglês e tem diversos contos publicados, como "Os Corvos da Torre de Londres", disponível no livro O Corvo: Um Livro Colaborativo, em homenagem a Edgar Allan Poe. Também é colunista na revista virtual Língua de Trapo, além de tradutora, intérprete e professora. Ainda este ano deve publicar seu segundo romance pela Empíreo, um policial noir. Mora em Santos com o marido e os três filhos.



Vertigo
(Um corpo que cai)
1958
Dirigido por Alfred Hitchcock

O PORÃO DO 9 DEDOS

Por Maik Barbara

Antes de começar, pega seu boné branco como algodão virgem e passa-o no sangue que brota do pescoço da moça. Repete o movimento duas vezes. Três é o número.

- Pra dar sorte em minha nova empreitada – conversa com ela. Depois veste o boné e passa à limpeza.

A moça mantém os olhos abertos, o corpo jaz no chão. Ela observa tudo. Se memórias póstumas pudessem ser recuperadas, aquilo seria um testemunho preciosíssimo!

Ele vai até outra cadeira de balanço ali no canto. Pega uma pequena caixa de isolamento térmico sobre a mesa. Uma abertura na madeira pode ser vista. Tem a boca do tamanho de uma moeda e cinco centímetros de profundidade. Furo pré-feito para acondicionar alguma coisa no descanso de braço direito. Um dedo é colocado ali dentro. Seu dedo. Depois disso uma mistura de cola branca e serragem lacra a abertura.

- Essa será a primeira. Vou vender ela muito mais cara que as outras. Direi que é peça de colecionador. Um dia haverá dez dessas no mundo, e eu... serei imortal.

Cloro e outras misturas são usadas para limpar o sangue do chão. O processo é deliciosamente prazeroso para ele.

O último pensamento que lhe escapa à boca tem tom de resposta para alguém que não pode ver no cômodo, mas sente sua presença:

- A paz sempre se tem depois.

* * *

- O que o senhor faz lá em baixo?

- Ah, lá é meu escritório.

- Tá, vovô, mas o que o senhor faz lá no seu escritório?

O garoto não escuta mais respostas do avô. O até então saudável senhor Victor, em plenos 70 anos de vida bem vivida, deixa de respirar. Morre em meio a uma conversa com o filho de seu filho adotivo.

3 horas depois, o telefone toca.

- É da funerária Santa Bárbara. Estou ligando para falar com o responsável pelo Sr. Victor que chegou aqui há pouco.

- Sim, pois não. Sou o filho dele.

- Ah, sim. Senhor Felipe? O legista veio até a funerária deixar o corpo.

- Ok. E quando vão terminar de preparar meu pai para o velório?
- Não, não. Senhor Felipe, o senhor não entendeu. O legista nunca vem junto com o corpo.
- Estranho. E por que então ele foi?
- É que tem uma coisa estranha com seu pai. A polícia também veio.
- Como assim? Do que você está falando, mulher?
- Acho melhor o senhor vir pra cá. A coisa está muito esquisita. Não querem deixar a gente preparar o corpo. Disseram que estão com o necrotério lotado e apenas querem uma gaveta refrigerada emprestada.

A porta abre.

- O que é isso?
- O senhor deve ser Felipe, filho do velho.
- Mais respeito com meu pai! E você, quem é?
- Sou o investigador responsável.
- Oras, mas o que está acontecendo? O que um investigador está fazendo acompanhado de um legista e essa tropa de policiais dentro de uma funerária? Tudo por causa de um enfarto?
- Temos boas e más notícias para você.
- Me dê as más primeiro. *A paz sempre se tem depois*, já dizia meu falecido e santo pai.
- Seu pai não é quem você acha que é! Aliás, duvidamos que você também seja. Algeme-o!

Os pulsos são seguros com força por dois policiais. As algemas geladas apertam. Felipe se mantém imóvel, sem saber o que pensar ou como agir.

- Do que está falando? Acham que matei meu pai? Que loucura está acontecendo aqui?

- Ao coletar as digitais de seu pai, captamos dez digitais diferentes, uma em cada dedo.

- Ué, deerrr. E num é assim que a mecânica da coisa funciona? Se fosse pra ter digitais iguais em todos os dedos não precisaríamos gravar todos os dedos no sistema do banco ou em maçanetas eletrônicas.

- Sim, senhor Felipe. É assim mesmo que funciona. Só que ao inserir os dados de seu pai no sistema, detectamos dez pessoas diferentes. Cada dedo representava um indivíduo diferente. Só uma das digitais era o dele. O anelar direito.

- Como é que é?

- Precisamos sempre inserir as digitais do falecido no sistema, mas ao fazer isso demos de cara com nove rostos de pessoas desaparecidas nos últimos anos. O caso mais recente foi notificado há dois dias. Ou quase isso.

- Mas como? Não estou entendendo.

- Não se faça de desentendido. Por favor, você ofende minha inteligência dessa forma. Veja, quando a funerária te ligou já estávamos em posse de um mandato de busca, e antes do senhor chegar aqui foi verificado e encontrado uma pessoa amarrada numa cadeira de balanço no porão da casa de seu pai. Essa pessoa teve um dedo cortado fora.

Silencio mórbido. Olhos arregalados.

- Não vai me perguntar se era o anelar direito? Vi que está sem reação, então, responderei assim mesmo. Sim, era o próprio.

- Mas...

- Ou o senhor é muito inocente, ou seu pai foi um dos melhores e mais misteriosos despachantes da história. Quando foi adotado?

- Desde os nove anos de idade. Despachante? Como assim?

- E nunca viu nada suspeito?

- Não, nunca. Espera! Isso é um interrogatório? Puts, meu pai morreu, cara. Me deixe prestar meus sentimentos por ele.

- Não há o que fazer agora, senhor Felipe. Ele já morreu. Vamos aos fatos.

A conversa se alonga. A crise de identidade e percepção deixa o filho perturbado. Puxa a memória e não vem nada. Nunca suspeitou, a naturalidade e personalidade do pai sempre passaram confiança, paciência e amor. Um homem politicamente correto, detalhista e metódico. Felipe solicita o soro da verdade. É injetado ali mesmo. Investigações são assim, seguem rápido.

Foi confirmado o não envolvimento do filho.

- As cicatrizes nos dedos deles... Bom, ele disse que foi ferimentos usando a máquina de corte, a serra de bancada que manejou a vida toda para construir cadeiras de balanço. Ele vive disso desde que me entendo por gente. Suas cadeiras são famosas. "*Duram a vida toda*", dizia.

- Não Felipe, esse não era o motivo das cicatrizes. Mas se funcionou com você, talvez signifique que não precisava de nada mais para acreditar nas palavras de seu pai. O homem era um manipulador nato.

- Mas ele era um homem bom.

- A maioria dos psicopatas são!

- NÃO chame ele assim!

- Okay, vou chama-lo de O Homem do Boné Vermelho.

- Boné Vermelho? Por quê?

- O laboratório ainda está averiguando, mas posso adiantar que foi encontrado um boné todo vermelho no porão de sua casa. O cheiro era estranho. Constatamos que o tingimento foi feito em banho de sangue. Duas vítimas foram identificadas. Infelizmente são DNAs que não batem com os códigos genéticos das digitais dos dez dedos implantados nas mãos de seu pai. Isso mostra que as vítimas não foram apenas nove.

- Você disse que tinha uma boa e outra má notícia? Qual é a boa?

- A boa é que seu pai morreu! Ele não vai mais fazer mal pra mais ninguém. Pena ele não ter vida para cumprir a pena de morte.

A reflexão recaiu sobre o então filho de um assassino louco.

- Senhor investigador?

- Sim.

- Se meu pai morreu, não acha que num lugar ou outro, um dia, alguém irá aparecer e substituí-lo? "*O mundo é assim, se existe uma demanda temos que fornecer a oferta*", era o que meu pai dizia sobre as cadeiras, mas depois de tudo que me revelou, acredito que ele se referia a

outras coisas da vida!

Num ultimo devaneio o filho de mente perdida revela: “Será que ele me criou de forma que eu não percebesse, mas a intenção era que eu seguisse seus passos?”.

Felipe é preso, tem seu perfil psicológico traçado, é acusado e condenado. O órfão de outrora, então deixa mais um menino livre no mundo. Ainda bem que a mãe é viva e sadia... ainda.

Anos antes.

- Por que está fazendo isso? Vamos me responde! Tenho o direito de saber! Seu monstro... Não era esse o combinado. Você tinha que simular o sequestro e me tratar bem. Aí me devolvia pro meu marido dias depois. Só queria ser mais amada e conseguir o dinheiro do seguro! O plano era perfeito! Você está estragando tudo. Opa, não, espere. Pra quê esse bisturi? NÃO! PARE, PARE, PARE! A mão não, a mão não, não, não. Aaahhh...

Desmaio.

Minutos depois.

- Ué, por que você fez um curativo no meu dedinho? Seu objetivo aqui não é me matar? Ou vai ficar cortando fora alguns pedaços até se cansar? Você é louco. Não sei se tenho medo ou raiva.

Segundos mudos se passam.

- Ah, tá. Então você é do tipo de doido que não conversa com as vítimas. Se é que sou uma, estou te pagando e você fazendo isso!

- ...

- Entendi! Está se fazendo de psicopata mudo. Era o que me faltava. Se soubesse tinha contratado outro cara. Ele aparentava mais doido que você, mas me enganei no preconceito. Só espero que isso faça parte do seu plano de fazer as coisas parecerem mais reais! Afinal de contas vou ter que viver sem um dedo por sua causa. Se a seguradora não acreditar num dedo a menos e essas marcas de algemas nos meus pulsos, quem irá?

- ...

- Sei! Silêncio, né? Deve ser por ter tantos complexos que se começar a falar, logo chorará no meu ombro desabafando seus problemas. Nem quero, viu! Creduuu! Se bobear, ainda de quebra, ganho um elogio do tipo “*você se parece muito com ela*”.

- Pra quê essa fita cinz... uhm... uhm... uhm.

A luz é apagada.

Horas depois.

- Ai! Toma cuidado. Se vai me matar, o que duvido muito, então acabe com isso logo – risada sarcástica. – Ficar colando fita na minha

boca e arrancando assim dói muito.

Ele puxa um facão de sessenta centímetros, afiado, cortante feito faca de açougue. O golpe é propositalmente desajeitado. Bate no ombro da moça. Depois pega outro impulso e com força acerta o braço direito, dessa vez quase o separa do corpo. A mulher emudeceu, de choque e espanto. Fazia quase dois dias que ela estava ali tagarelando.

- Mas não era pra você me matar! – Escapou um pensamento pela boca. Convicta que ele apenas desejava dela alguma coisa muito estranha. Não pensou em morrer naquele episódio. Ao ter o dedo mindinho cortado, nada disse. Depois de ele voltar é que ela percebeu. O dedo que antes foi dela estava implantado na mão do desgraçado. Ele arrancou o próprio dedo e mandou colocarem o dela no lugar!

Mais um golpe rápido e certo. Seco, de cima para baixo, sobre a coxa. Sentada e amarrada numa cadeira de balanço, a dor se misturava com o sacolejar manso do móvel de madeira. O chão ensopou. De olhar fixo sob sua feição estática mostrou uma reação atípica aos olhos do assassino. Calma e muda.

Então ele fala. A única frase que ela escutou durante as horas de cativo.

- Agora é quando você morre, mulher dos infernos!

Bate o fio do facão contra o pescoço dela. A cabeça não se separa, mas fica dependurada para o lado esquerdo. Sangue esguicha em dois jatos curtos.

Silêncio.

Respiração ofegante.

Em seguida, descontrola o pulmão e, finalmente, paz.

A limpeza será longa, ele não se importa. Adora limpar as coisas e deixa-las no lugar.

TOC é uma doença terrível.

Antes de começar, pega seu boné branco como algodão virgem e passa-o no sangue que brota do pescoço da moça. Repete o movimento duas vezes. Três é o número.

- Pra dar sorte em minha nova empreitada – conversa com ela. Depois veste o boné e passa à limpeza.

A moça mantém os olhos abertos, o corpo jaz no chão. Ela observa tudo. Se memórias póstumas pudessem ser recuperadas, aquilo seria um testemunho preciosíssimo!

Ele vai até outra cadeira de balanço ali no canto. Pega uma pequena caixa de isolamento térmico sobre a mesa. Uma abertura na madeira pode ser vista. Tem a boca do tamanho de uma moeda e cinco centímetros de profundidade. Furo pré-feito para acondicionar alguma coisa no descanso de braço direito. Um dedo é colocado ali dentro. Seu dedo. Depois disso uma mistura de cola branca e serragem lacra a abertura.

- Essa será a primeira. Vou vender ela muito mais cara que as outras. Direi que é peça de colecionador. Um dia haverá dez dessas no mundo, e eu... serei imortal.

Cloro e outras misturas são usadas para limpar o sangue do chão. O processo é deliciosamente prazeroso para ele.

O último pensamento que lhe escapa à boca tem tom de resposta para alguém que não pode ver no cômodo, mas sente sua presença:

- A paz sempre se tem depois.

A vida de Victor poderia ser chamada de pacata, calma, mas é simplesmente igual a de todos os robôs da sociedade moderna. Trabalha, dorme, consome, paga, deve, tem problemas, envelhece, enriquece os outros, trabalha mais, adquire dívidas, trabalha mais ainda durante e entre os processos, e certo dia, como todos um dia, morre.

Cresceu feliz numa família bem estruturada. Não é julgado esteticamente feio ou mentalmente debilitado. Três fatores importantíssimos para que a sociedade te aceite. Fez as escolhas na vida da forma das quais esperavam. Achou-se feliz depois de vinte e seis anos desde seu nascimento.

Um dia, refletindo, decidiu mudar. Era tudo muito mecânico, igual, reto. Nada era diferente. “Por que a vida deve ser assim?”. Tem que existir algo mais que apenas aquilo. A existência não pode se resumir àquilo.

Fez um experimento: parou de trabalhar. Demitiu-se e não foi atrás de empregos.

Os empregos começaram a ir atrás dele. “Não! Não quero”, respondia.

Com o tempo, os pais resolveram ajuda-lo a manter um apartamento.

Ele é capacitado, entende bem o mecanismo das coisas e o que cada engrenagem na máquina social proporciona. Deixe de girar uma delas e efeitos em cadeia começam a acontecer.

Os pais achavam que era apenas uma maré de falta de emprego. Mal sabiam que aquela situação era uma escolha.

Não durou muito. Quatorze dias depois, num acidente de carro, morrem pai e mãe que viviam da gorda aposentadoria. Para o filho único, sobrou uma casa de herança e nada mais. Ele vendeu seu apartamento e decidiu viver de renda, investiu o dinheiro da venda do flat e foi morar na casa que ganhou dos defuntos.

O fundo de investimento gerava uma renda razoável, “*dá pra sobreviver*”. Por um tempo foi o suficiente.

Ele não sabe quando a ideia veio, apenas percebeu o pensamento pairar em sua mente. Ele jurou ouvir alguém na casa soprar a fabulosa forma de se sustentar.

“Inventei uma nova profissão” – foi uma das poucas frases que soltou em voz alta durante sua estadia solitária na nova casa.

Tudo começou com aquela mulher.

Paciente, limpa o chão. Usa cloro misturado com água sanitária e detergente. A máscara de respiração não pode faltar. Luvas e sapatos próprios também estavam reservados para a limpeza. A luz negra é ligada ao final do processo para verificações.

Ao fundo, encara o grande recipiente de polipropileno comprado anos antes. Na época pensou em usar para colocar roupas sujas antes de lavá-las, mas nunca fez uso. A mistura ácida foi pré-preparada e o grande

recipiente era perfeito. Aprende-se de tudo nas séries de TV.

Arranca a cabeça da moça e a joga no grande caldeirão plástico. Volta a limpar o chão. Minutos depois faz o mesmo com o braço que quase fatiou com um só golpe. Os demais membros são esartejados aos poucos. Ao final, o tronco é colocado para o último banho de sua existência.

Horas mais tarde o que se vê é apenas a sopa primordial. Nada da mulher. Ao jogar tudo esgote afora, pelo tranque da lavanderia ainda no porão, ele usa uma peneira de pedreiro para coletar os objetos de metal que a banhista possuiu. Aliás, com o nome de Ricardo e a data de 14/05/2016, uma aliança de ouro apareceu ali.

- Olha só. Tem três meses de casada. Moça de sorte! Te livre de uma vida inteira de sofrimento matrimonial.

Ele nunca se casou.

Por fim, os botões, fivela do cinto, aliança, anéis, colar e demais metais foram juntados num pequeno forno de tijolos improvisado por ali mesmo, e derretidos. A cadeira de balanço só estará completa com seu adereço. Uma matriz é usada, o metal líquido é despejado. O brasão ganha vida na forma. Feito o acabamento, é colocado no encosto da obra de arte em forma de madeira balançante.

Com tempo e prática se fica bom em tudo.

Dito e feito, ele se torna um dos melhores despachantes da região.

- Se cada morto fosse um cliente, não teria como reclamar. Não deixo rastros! - Promete ao primeiro interessado em seus serviços. - Cobro caro! - Agrega em sua fala.

Tudo arranjado. O recém-casado pagará o que não passa de uma ninharia para um bilionário. Tudo para ter a esposa desaparecida. A herança é absurda. Outra mulher, Victor pensa, mas se sujeita. Precisa ganhar a vida. O futuro lhe guardou vários homens também.

Aquela foi mais fácil e a técnica aprimorada. A troca do facão por uma espada *katana* foi lógica, o corte é ainda mais fácil. Teve algumas aulas antes para entender sobre o manuseio e balanço no ato do corte. O fogão *derretedor* de metais é melhorado, faz um buraco no chão, o que abafa e agiliza mais ainda o projeto. "200% mais eficiente" - felicitava. O porão da Rua Hercílio B. A., então, se torna um local sagrado para ele. Casa linda com cerquinha branca e convidativa na frente.

"*Meu escritório!*" confienciava às vítimas desacordadas recém-chegadas.

Victor enganou a todos. Viveu e criou sua vida e profissão como quis. Sua maior sacada profissional foi a teia de possibilidades que teceu em seus atos. Aprimorou-se, aprendeu a remover e conservar órgãos de suas vítimas, e pelos meios escusos doou mais do que vendia tais partes. Sim! Existe luz na escuridão. Mas sempre se manteve do lado escuro da vida, embora não visse daquela forma.

Sacou dinheiro com as digitais daqueles que roubou a identidade, foi pago para sumir com pessoas, esteve sempre em casa, trabalhou pouco, teve tempo, criou um órfão embora de forma estranha, plantou várias árvores, foi feliz.

Mas se deleitou mesmo foi com o fato de brincar de gato e rato por mais de quarenta anos, e ainda foi pago para isso. Um jogo onde recebia por seu *expertise* em cenas de crimes que a polícia ainda não tinha chegado, e o assassinato acabado de ocorrer, lá ele ia para profissionalizar os atos amadores de seu cliente estabonado. Entre outras coisas implantava as digitais de certa pessoa qualquer. Em outros casos fazia o mesmo para mais um consumidor satisfeito no assassinato de outro, mas as digitais já seriam outras. Foi pago para criar falsas pistas.

Em idas e vindas proporcionava o sumiço permanente de alguns. Os detetives iam ao delírio quando o rastreio das digitais encontradas numa cena de crime levava a uma pessoa desaparecida havia anos e anos. As famílias, por sua vez, eram importunadas com a possibilidade de vida do ente sumido. Uma investigação se tornava foco de dois crimes, às vezes até piada.

Clientes se satisfaziam, Victor tinha seu sustento, os jornais conseguiam ingredientes perfeitos para a vendagem, esperança era dada para os aflitos.

Victor viveu feliz dentro de seu mundo e enganou a todos fora dele, talvez a si mesmo no processo. Nunca encontrou ninguém que lhe dissesse no que consistia a vida. Ninguém a não ser aquela singela voz que o falava ao ouvido hora ou outra. Embora quando quisesse a calava, era fácil, repetia pra si e partia pra um novo projeto:

A paz sempre se tem depois... Depois de despachar mais um.

3 anos e meio depois da prisão de Felipe.

- Após a fuga massiva da penitenciária central – o apresentador do jornal das 19hr engasga e engole seco. Sob pressão do diretor atrás das câmeras continua lendo a notícia ao vivo.

- Felipe, o filho do 9 Dedos escapa deixando para trás um recado escrito na parede de sua sela: “Irei terminar o que meu pai começou. Por sorte ele nunca usou os dedos dos pés”.

MAIK BARBARA atua na área de Comércio Exterior, luta contra uns risquinhos para aprender mandarim (Chinês). Foi designer, professor e multiuso em algumas empresas. De alquimia ainda não entende (tudo). Passou 9 anos no mundo do teatro. Conheceu, adestrou, palhaçou, ensinou, fez de tudo um pouco, porém escrever o cativou mais. Os rumos mudaram e, feito doido, começou na escrita literária por uma trilogia, a série de livros de realismo fantástico O Mestre Mantenedor de Mundos. Passou por contos e mais contos, e promete que um dia o livro Chronus Drakun ficará pronto!



The birds
(Os pássaros)
1963
Dirigido por Alfred Hitchcock

OLHOS DE CASSANDRA

Por Wesley Moreira de Andrade

Bebo por Cássio. Faz dois anos que ele morreu e com muito custo tento esquecê-lo de vez, consumir minhas lembranças junto àquelas chamas que queimaram a pele dele, que com afã eu desejava e afagava nas noites em que nos encontrávamos. Não encontro consolo etílico, não alcanço sequer um pacífico conforto ao encarar o mar deste litoral. Peço mais uma dose de whisky, puro, dose esta que não se mantém muito tempo dentro do copo. Somente o álcool me encoraja a tomar uma atitude. Se eu não fosse tão covarde, teria recorrido ao suicídio, como a hesitação ainda faz parte de mim, acumulo uma coragem colossal para procurar naquele boteco um tanto quanto cheio alguma companhia masculina. Infelizmente perscruto no rosto alheio as feições de Cássio. Passam vários tipos, alguns interessantes. Muitos bêbados e patéticos como eu. Sorvo o último gole e decido voltar ao hotel. Levanto e quando me dirijo ao caixa para pagar as contas dou uma última mirada pelo recinto na esperança de concluir a pequena missão que eu me impusera. Ninguém. No entanto, uma pessoa chama a minha atenção. Não era um homem, não era o homem que eu queria, não era Cássio. Ou era? Acredito que o álcool tenha um efeito alucinógeno nesta noite, pois posso jurar que aquela mulher era Cássio. Coloco os óculos que ficam no bolso para que eu os use apenas em emergências ou quando muito necessário. Cássio falava que gostava do ar sério que os óculos me davam, que eu só me tornava o doutor Heitor, bem-sucedido advogado trabalhista, com eles no rosto. Ainda assim não confio na informação que as lentes para miopia ajudaram a identificar. O balconista fala o valor da minha conta, porém o ignoro e, atraído por aquela confusa figura sentada ao fundo daquele boteco, caminho em direção a ela. Sentei-me sem pedir licença e encarei aquela pessoa com desesperada curiosidade, era provável que a sua reação fosse igual à minha.

- Pois não? – Disse ela ajeitando a franja e depois o cabelo longo, liso, negro e com luzes, numa seriedade intimidadora que me estremeceu de ponta a ponta e eu só pude ficar boquiaberto com o que via. – Posso te ajudar em algo?

- Pode. Seu nome. – Respondi enquanto observava a sobrancelha fina, a sombra em dois tons que escurecia as pálpebras, o batom avermelhado, o rosto levemente uniformizado por uma base, os cílios destacados pelo rímel.

- Só isso? Cassandra.

- Seu nome verdadeiro. O nome de nascimento.

- Por que...?

- Diga!...

- Gustavo... Não gosto de responder este tipo de coisa... Agora tenho

um nome social..

- Continue a falar, Gustavo...

- Cassandra! Eu preciso te explicar o óbvio? Vê um homem aqui, meu senhor?

- Sua voz... me lembra alguém...

Cassandra pôs-se a rir, um sorriso de canto de boca, quase chorei, não podia ser...

- Vocês sempre vêm com esta história, eu lembro várias mulheres pra todos os homens que me procuram ou me abordam...

Não me aguentei e as lágrimas romperam dos meus olhos, senti um ódio por mim mesmo, uma raiva de me expor assim pra uma desconhecida. Cassandra mirava o chão, constrangida, fez menção de levantar e eu a retive, segurando o seu braço.

- Fique! Ou venha comigo. – Pedi enxugando as lágrimas e reprimindo ao máximo as seguintes.

- Meu amigo, vá pra casa, vá descansar, o senhor não está bem, encheu a cara e agora está me aporrinhando.

- Venha comigo. – E com o silêncio de Cassandra, cuja face sinalizava irritação, acrescentei: - Não te farei nenhum mal. – O silêncio permaneceu, acrescido de uma visível hesitação.

Dei meu nome e o endereço do hotel onde estou hospedado, agradei e distanciei-me de Cassandra rumo ao caixa, voltei a encará-la, Cassandra estava séria e me dirigia olhares enquanto voltava a sentar na cadeira. Tive medo de que ela não aparecesse. O tempo não era o mesmo que o relógio apresentava, sentia que tudo era um irritante e angustiante *slow motion*. Tudo suspenso. Os minutos não passavam. Meia-hora depois ela foi anunciada pela recepção e surgiu no meu quarto.

- Acredito que não vim aqui apenas para conversar com você. Por onde começamos, Heitor?

- Sente-se na cama... Tire a blusa... Tire tudo... Quero vê-la nua...

Quando ela me mostrou seu corpo, seu corpo transexual, seu ex-corpo masculino, aqueles seios, aquele sexo, as nádegas e, ao mesmo tempo, podia reconhecer os resquícios daquele que tanto amei.

- O que fez com seu corpo? Por quê?

- Sempre quis ser uma mulher, desde pequena, me enxergava assim no espelho, linda e feminina. Há três anos que fiz a mudança, sou uma transgênero e estou feliz com o que tenho. Te incomoda?

- Cássio!

- Cassandra, meu senhor. Já te falei antes. Meu nome de menino era Gustavo, mas há muito tempo não me chamam assim.

- Cássio!

- Por que está insistindo? Se foi um bofe que te comeu e te abandonou, não tenho culpa. Está falando com a pessoa errada.

- Me desculpe.

- Devia ter percebido que era uma encrenca logo naquela conversa no bar. Vou embora. Achei que quisesse apenas se divertir, até que o senhor é um homem bonito, maduro, sério, mas não vai rolar...

Cassandra começou a vestir-se com pressa, calçou os sapatos de salto alto, pegou a bolsa, retirou um espelhinho dentro dela e olhou-se

para certificar de que estava arrumada, arqueando as sobrancelhas, franzindo os lábios.

- Deve ser alguém muito importante para você, esse Cássio...

- Ele morreu há dois anos. Assassinado. Um tiro na cabeça e atearam fogo no corpo dele. Hoje faz dois anos...

- Sinto muito... Com licença, eu preciso ir.

- Leve um dinheiro, por ter tomado o seu tempo. – Disse tirando atabalhoadamente algumas notas da carteira.

- Não sou puta, meu caro. Guarde sua grana...

Cassandra apresentou a mão para me cumprimentar, os braços longos e bem distantes de mim, talvez por receio de me despertar qualquer outra lembrança ou explosão de emoções, vendo que as notas continuavam na minha mão, pegou o dinheiro.

- Pro taxi. - Justificou-se.

Sentei-me na cama, porém não chorei desta vez, não queria apresentar-me de novo fraco, sentimental, um maricas completo. Cassandra olhou-me com piedade, um pesar diverso da empatia que estranhos podem nutrir um pelo outro numa situação de solidariedade, parecia que ela ia falar mais uma coisa, no entanto rapidamente retirou-se do quarto. E eu ainda sentia os olhos dela me fitando...

Faço as malas ainda em choque, devo estar louco? Amanhã vou embora deste lugar, minhas fracassadas férias, mais um lugar assombrado por você, Cássio. Miro a mala aberta, mala cor de vinho, cor de viado, como você mesmo brincava, Cássio. Ria da minha cara e eu me defendia alegando que a mala era um presente, um conjunto delas dado pela minha mãe e que eu não tinha vergonha da cor, era algo diferente, era o mais próximo de um assumir-me *gay*, um advogado sisudo, impecavelmente de social preto e a mala contrastando com aquele ar soturno. Olho para a mala e lembro-me de ti, pois foi com uma delas que usei para colocar aquele dinheiro todo e pagar o seu resgate, era mais fácil para que aquele bandido identificasse e a pegasse e te trouxesse de volta. Aquela ligação, aquela voz grave anunciando o seu rapto, as ameaças, os gritos de Cássio ao telefone, tudo me impedindo o raciocínio. Dias antes, você estava aéreo, mal falava comigo, se distraia facilmente, até mesmo o sexo estava mais frio e nossas noites sempre foram muito quentes. E você não respondia, apenas aquele silêncio de muitas preocupações rondando a sua cabeça. O sequestrador se identificou como Asteca, pediu cem mil reais. Ou eu pagava este valor ou partes do corpo de Cássio seriam enviadas para mim, uma orelha, um dedo da mão, outro do pé, um braço, uma perna, o pênis, a cabeça... Não hesitei. Tinha uma boa grana guardada, o que são cem mil reais diante daquilo que era-me mais valioso? Combinamos o local, deixaria o dinheiro numa mala, fiz a descrição dela, abandonariam Cássio num terreno baldio próximo uma hora depois, me ligariam avisando. Deixei a mala, embaixo de um banco de praça, cinco minutos depois um homem de óculos escuro sentou-se, de longe parecia você, porém o reconheceria logo de cara, independente da distância. Pegou a mala e saiu discretamente. Queria segui-lo mas tinha medo de estragar tudo e que você sofresse as consequências da minha incorreção. Aguardei o telefonema, longuíssima uma hora, a ela

acrescentou-se outra e mais outra. Decidi sair com o carro pelos arredores à procura do terreno que haviam falado, encontrei uns quatro, todos vazios. O quinto estava próximo, uma fumaça densa subia, uma multidão se aglomerava ao redor, estacionei o carro e depois fui ao encontro do que mais temia. O seu corpo carbonizado, Cássio, não o reconhecia em meio aquela carne viva cheirando a queimado, mas entendi que era você, pois usava uma pulseira que tinha te dado de presente... Não fiz nada, não falei com a polícia com medo de alguma represália, aguentei a minha dor, calado, ninguém sabia do nosso relacionamento, não era para ser público ainda, que permaneça assim o nosso segredo.

Fechei a mala, fiz o check out no dia seguinte e dirigi-me até um ponto de taxi, porém decidi mudar o itinerário. Lá estava eu, naquele boteco novamente, desta vez vazio, apenas frequentado por esporádicos bêbados solicitando uma dose de cachaça ou pessoas que vinham pedir informações ou comprar cigarros. Fiquei lá, por duas horas... Nada, demorei a me convencer da estupidez da minha atitude, que provavelmente não encontraria Cassandra ali. Levantei, paguei a conta, saí arrastando a minha mala pelo chão irregular da calçada, quando senti que me pegavam à força por trás, encapuzaram-me e me jogaram dentro de um carro.

A minha cabeça ainda estava coberta, ouvia apenas ruídos de passos, pigarros, uma respiração alta, uma conversa que não conseguia distinguir entre quem ou qual assunto. Meu coração acelerado, um nervosismo crescente, o temor de morrer. Na escuridão que o capuz impunha, a face bela de Cássio, seus olhos castanhos, aquela barba rala por fazer, os lábios finos e os dentes perfeitamente alinhados e aquela língua que me engolia por completo. O rosto de Cássio era um alento, lembrar-me dele era estar diante dele. Luz! Na minha frente outra pessoa que logo vê-se livre do capuz. E o que vejo é uma versão feminina do rosto de Cássio e a cara estarecida de Cassandra, sentada à minha frente, na mesma condição em que eu estava, amarrada. Ela me encarou com tristeza. Enfim, tinha reencontrado Cássio...

- Você? – Perguntou-me Cassandra. – O que está acontecendo aqui?

- Você sabe bem o quê. – Respondeu um dos rapazes que se encontravam lá, pele morena, traços indígenas, cabelos longos e lisos, carregava consigo uma mala pequena de rodinhas, mala cor de vinho, a reconheci logo de cara.

Cassandra permaneceu em silêncio, sua expressão era de decepção, além da preocupação que era evidente e crescia. Cassandra parecia em estado de choque.

- Asteca... – Disse Cassandra.

- Asteca?... De onde você o conhece? – Perguntei surpreso.

- Explica pra ele, Cassandra... – Respondeu Asteca. – Ou poderia dizer: Cássio!

- Pensei que não fosse gostar do presente que te dei, essa mala de viado... – Comentou Cassandra.

- Foi a única coisa que você me deixou antes de sumir do mapa com o meu dinheiro, puta!!! – Gritou Asteca ao mesmo tempo tirou um

revólver da cintura e apontou para a cabeça de Cassandra. – Mas eu jurei pra mim mesmo que ia te pegar, ia acabar com a tua raça. Demorou, mas eu te achei. Não foi fácil descobrir que tinha se mandado para a Tailândia e feito a cirurgia de troca de sexo, pensei que não voltasse. Depois só mudei a tática, ao invés de ficar no seu encalço, preferi acompanhar os passos do seu “viúvo”, sabia que em algum momento você tentaria reencontrá-lo. Batata! Quando eu vi os dois naquele bar sabia que era você, Cássio.

Eu observava os dois, incrédulo, Asteca não tirava o sorriso de satisfação do rosto, Cassandra olhava para o chão, talvez mais envergonhada pela minha presença do que pela iminência de que algo ruim pudesse acontecer a ela. Ela, difícil chamar Cássio de ela, difícil vê-lo assim, mulher. Cassandra! Nome mais feio, antiquado, pr’alguém que sempre foi moderno, antenado com as últimas novidades da moda. Odiei-o por alguns segundos, profundamente, meu desejo era de que Asteca parasse de falar e concluísse suas ameaças, queria os dois mortos, Cássio e Cassandra. Ela me encarou, lançou para mim aqueles olhos castanhos, marejados e vermelhos.

- Ele está aqui só para você vê-lo morrer. – Complementou Asteca, encarei-o assustado.

- Heitor... – Disse Cassandra, quase numa súplica.

- Não precisa me explicar nada, eu já compreendi toda a história, Cássio... Cassandra... Sei lá...

- Tentei te encontrar no mesmo local, o dono do bar falou que você tinha estado ali há pouco tempo, coisa de meia hora. Deixei uma carta com ele, explicando a situação, caso você ainda retornasse lá, logo depois me capturaram e me trouxeram para cá.

Asteca deu ordens ao outro rapaz. Fomos levados a um carro, me jogaram no banco de trás, Cassandra sentou-se ao meu lado, Asteca e seu capanga, que apontava uma arma para nós, na frente. Cassandra aproximou-se de mim, senti a sua pele nos meus braços, suave toque, meus pelos eriçaram-se reacendendo o sentimento primitivo, amainando o ódio que havia me contaminado minutos atrás.

- Você sabia que eu estava no litoral, não foi coincidência. – Disse à Cassandra, ela apenas fez que sim com a cabeça, roubou-me um beijo.

De repente, Cassandra estava com as mãos livres, atirou-se em direção ao capanga, tentou forçá-lo a apontar a arma para Asteca que não sabia se dirigia ou olhava para os dois que se atracavam numa atabalhoada luta. Ouvi um estalido e depois outro, o primeiro disparo acertou Asteca, o outro, Cassandra. O carro perdeu o controle, capotou diversas vezes, perdi a consciência. Não sei quanto tempo permaneci assim, abri os olhos, o carro estava virado ao contrário, um zumbido terrível nos meus ouvidos. Asteca parecia morto, o capanga também.

Cassandra estava toda ensanguentada em cima de mim, ela começou a se mexer, gemia de dor, esboçou um quase sorriso, olhou-me mais uma vez, a última antes de expirar, seus olhos castanhos eram os mesmos daquele por quem eu me apaixonara, olhos que, apesar de tudo, não perderam a sua essência. Olhos de Cássio e olhos de Cassandra.

WESLEY MOREIRA DE ANDRADE é professor de Língua Portuguesa do Estado de São Paulo e Escritor no tempo restante. Cinéfilo, admirador das cantoras e confesso viciado em séries. Graduado em Letras e Especialista em Literatura e Estudos Linguísticos pela Universidade Nove de Julho, possui um blog onde registra suas leituras, escritos e besteiras (wesleyescritosebesteiras.blogspot.com.br).

Marnie
(Marnie, confissões de uma ladra)
1964
Dirigido por Alfred Hitchcock



VOUYER

Por Cecilia Garcia Marcon

1.

Ele não ligaria de quebrar mais essa promessa. Inclusive, já tinha até deixado de sentir culpa. A noite ia se aproximando e ele, cuidadosamente, ia escurecendo a luz de seu escritório, no segundo andar, que ficava na exata diagonal de sua janela favorita. Era tão obra do destino que poderia ter uma luneta ou binóculos caros no cômodo sem que parecesse estranho. Joaquim acendia um cigarro, pegava uma cerveja de trigo, chique e encorpada, um copo grande da Erdinger marcado nas bordas por usos seguidos de lavagens porcas e se sentava. Amava morar ali. Não ligaria de quebrar mais uma promessa. Tinha jurado ser capaz de parar. E, por vezes, tinha quase resistido. Mas aqueles acordes de jazz seguidos do que ele sabia que acontecia dentro da banheira eram irresistíveis.

Joaquim tinha pouco menos de quarenta anos e vivia sozinho numa casa grande de um condomínio fechado em Vinhedo. Orgulhava-se secretamente de sentir a proteção por debaixo do metro quadrado residencial mais caro da região e gostava ainda mais de morar sozinho. Principalmente pra não ter que explicar sua rotina complicada para alguém que vivesse debaixo do mesmo teto.

Sua vizinha mais recente, Helena, de quem ele apenas sabia o nome devido à entrega errada de correspondências, era seu par em idade e sucesso, mas muito mais séria, como normalmente uma mulher tem que ser para atingir cargos de gerência. É bem verdade que ele era diretor do departamento de tributos e finanças de uma farmacêutica da região e ela era apenas uma gerente comercial de uma empresa qualquer que ele nunca dera muita atenção nas fofocas que ouvira sobre a vizinha, mas, para uma mulher, Joaquim sabia que tinha atingido uma espécie de ápice profissional. Diretoria era lugar para ele, não importa o que ela fizesse. Helena era a própria figura esculpida em gélida pedra branca que a impedia de sorrir ou demonstrar simpatia. Podia estar um calor senegalês que estava de terninho e com blusa fechada de gola alta por baixo. Meia calça escura, salto alto fechado que não mostrava nem a ponta do dedão. Ela vivia numa clausura fashion que a tornava extremamente desinteressante. Em alguns momentos, Joaquim gostava de ter uma vizinha séria e sem graça. Aumentava sua sensação de isolamento, que custara tão caro.

Mas aí Joaquim descobriu. Um dia, enquanto fechava os valores da receita do mês e fazia milagre para que tudo fosse declarado e sobrasse algum lucro, ouviu Ray Charles cantando “*Come Rain or Come Shine*” em um volume indecentemente alto. Aproximou-se da janela da saleta em que trabalhava, que ficava mais ao fundo e, na diagonal, via a ampla janela do banheiro de Helena, que era grande e bonita, de um vidro caro

que devia deixar o banheiro bastante iluminado. Viu a moça com roupão de toalha e segurando uma poderosa taça de vinho na mão esquerda enquanto remexia os quadris com suavidade, respeitando rigorosamente o ritmo da música. Abriu o roupão e foi mexendo devagar, tirando-o pelos ombros e bebendo o vinho, deixou a visão dela própria com uma lingerie de renda preta de frente para Joaquim. Ele engoliu em seco e sentou-se no canto, olhando, chocado, a dança daquela calcinha rendada preta, que parecia estar tão próxima que poderia até sentir o seu cheiro, mas distante o suficiente para que ele não tocasse. No breve devaneio de perto e longe, Helena tinha tirado o sutiã ainda dançando e bebendo seu vinho, parecia ir cantando junto também, pelo pouco que Joaquim enxergava. Agora, baixava a calcinha e deixava a bunda redonda roçando no limite da imaginação dos dedos de Joaquim, que se forçou a desabotoar a calça e abrir o zíper.

O quente e vivo mármore branco entrava na banheira e a música acabou. Joaquim sentiu como se saísse do transe e ia voltar para a mesa e tentar trabalhar e esquecer que sua vizinha recatada e fechada era uma gostosa que havia deixado seu pau duro em menos de cinco minutos quando foi a vez de Stevie Wonder chamá-lo. *“Don't you worry about a thing”* tocava e ele podia ver a boca dela se mexendo enquanto cantava embaixo da espuma da banheira. Os cabelos escuros e encaracolados, vistos soltos pela primeira vez, estavam espalhados para fora da banheira e apoiados na beirada azulejada ao redor da cara estrutura do berço de banho onde ela estava. Ele sentia a garganta seca e sua boca entreaberta combinava com os olhos estatelados. Puxou um pufe quadrado preto que usava para colocar os pés e sentou perto da janela. Estava morrendo de medo de que ela olhasse naquela direção e o visse fazendo o que quer que estivesse fazendo – poderia ser dito que se masturbava? Ainda não, mas provavelmente iria.

Helena abriu as pernas e apoiou as canelas nas beiradas da banheira, enquanto se espreguiçava preguiçosamente e alcançava sua taça de vinho. Aquilo devia ser um ritual para relaxar, Joaquim concluiu. Não se lembrava de ter ouvido nem jazz nem silêncio vindo da casa dela e quase se arrependeu de ter sido tão negligente com ela. Devia ser desencontro de horários, de lugar na casa, de atenção. Ela seguia na banheira, com as pernas abertas e certa expressão de satisfação nos lábios enquanto ouvia Nina Simone, que veio imediatamente depois de Stevie Wonder. O espião mal prestava atenção. Torcia para que a espuma acabasse e ele pudesse ver o que ela escondia. Mas, neste primeiro dia, não teve sorte. Ela logo se levantou e ele viu algumas sombras dos seios redondos e pequenos dela antes que se enrolasse no roupão, deixasse a água sair pelo ralo, pegasse a taça vazia de vinho, desligasse a música e fosse embora.

Joaquim ficou transtornado e tocou a melhor punheta de sua vida pensando naquela lingerie, naquela mulher do banheiro e naquele banho. Chegou a transpirar e a abrir um generoso sorriso para si mesmo, vangloriando-se por poder gozar com tanta liberdade. É de se esperar, no entanto, que um cidadão tão respeitável e de bem se sentisse culpado e envergonhado no dia seguinte. De fato, se sentiu.

Saiu mais cedo de manhã, mas acabou tirando o carro da garagem a tempo de vê-la chegando ao seu próprio carro e acenando um sério bom dia, sem mostrar de dentes. Ergueu a mão, nervoso e acelerou mais do que devia para sair logo dali. Arrependido ele estava, mas puto também. Afinal, tocara uma senhora punheta para aquela pessoa sem graça pra caramba.

2.

Chegando ao trabalho, jogou as contas a serem lançadas na mesa da secretária que ele até hoje não sabia o nome e entrou na própria sala. Seu grande amigo que trabalhava no Marketing, Guilherme, apareceu minutos depois. Tinham ficado amigos no primeiro dia de empresa, fazendo juntos um daqueles tours ridículos pelas salas e locais. Joaquim se lembrava de tudo que era dito e a mente relapsa de Guilherme agradeceu muito por tê-lo como companhia. Gui era despojado, brincalhão e carismático. Joaquim desconfiava que ele tinha comido, só na empresa, mais mulheres do que ele próprio a vida toda, mas Gui apenas não falava sobre isso. Poderia ter transado com uma estrela hollywoodiana que não teceria um comentário sequer a respeito. Nem confirmaria o feito. Era um tipo de ética superficial a qual Joaquim desprezaria se conseguisse compreender.

- E aí, Senhor Dono das Contas? Vamos tomar um café hoje?

- Não estou bem hoje, Gui. Vou ficar por aqui mesmo.

- Ih, tá cansado? As contas foram assim tão difíceis?

- As contas foram moleza. O problema que aconteceu é do tipo que a sua ética não autoriza comentários.

- Não tenho interesse em saber com quem você transa, isso não tenho mesmo.

- Não transei com ninguém. Não fisicamente.

- Nossa, Quim, tá difícil assim pra você trepar por telepatia?

- Eu estou me sentindo mal pra caralho, Gui. Estou quase com dor de cabeça.

- Você quase transa, quase tem dor de cabeça...Deus o livre, vou ficar longe. Vai que pega.

Gui saiu da sala mencionando a possibilidade de falarem sobre no almoço. Joaquim fez que sim e pensou se teria coragem de contar ao amigo. Não queria abrir mão da sua experiência vendo Helena na banheira. A manhã passou relativamente rápido até que chegou o almoço e eles se sentaram juntos. Gui nada falou, apenas aguardava pacientemente a quebra de silêncio do amigo.

- Você por acaso lembra da minha vizinha? - Quim finalmente começou.

- Não sou capaz de lembrar nem onde você mora, que dirá se tem gente perto. O que que tem sua vizinha? - comentou Gui, comendo um brócolis.

- Se eu te dissesse que ela tomou um banho ontem de banheira, dançando jazz, bebendo vinho e usando uma puta lingerie cara e preta,

você se manteria nessa posição?

- Não sei. Uma coisa é você, barbado e velho, me contando que viu uma mulher dançando na intimidade. Outra coisa é... espera aí, Joaquim! Você ficou espiando a mulher tomar banho? - Quim baixou os olhos, sentindo o arrependimento de novo. Ninguém ia acreditar que ele tinha feito aquilo se olhasse Helena. - Puta merda, que vergonha!

- Gui, você não tem ideia, foi a coisa mais... nunca tinha sentido tanto tesão na minha vida.

- Nossa, chega, não quero ouvir mais. Não quero ser cúmplice disso. Pelo menos você está com vergonha. É o mínimo. - Joaquim ficou aliviado de o amigo não querer saber mais. Pelo menos a punheta ele ia poder guardar para si. Nem mesmo a imagem tinha parecido interessante para Guilherme, que o olhava meneando a cabeça para tudo que é lado, sabendo que não poderia gritar exatamente o que achava. No fundo, Joaquim sabia que o amigo tinha seus limites de compreensão.

- To bem putado de quase estar de pau duro até agora por causa daquela mocosonga sem graça.

- Queria ver se fosse tua irmã, tua mãe. Se você ia achar essa beleza ter um tarado se masturbando pensando nelas tomando banho, coisa que ele viu espiando pela janela como se fosse um moleque de dez anos e não um marmanjo de 36.

- Quem disse que eu...

- Ah, Quim, dá pra ver os pelos na sua mão crescendo, seu punheteiro. Se masturbou e pra caralho ainda. Seu filho da puta indecente.

- Não vou fazer isso de novo, fiquei bem constrangido com tudo. - *"Meu pau tá é subindo por qualquer coisa"*, garantiu a si mesmo.

Só que mais tarde, naquele mesmo dia, chegou, correu para trabalhar no escritório e se pegou sentado na janela, de novo, quando ouviu B.B. King cantando *"Hummingbird"*. A lingerie do segundo dia era roxa. Fez tudo de novo e tinha ficado, desta vez, tão satisfeito consigo mesmo e sua performance sexo-manual que estava decidido a largar tudo cada vez que ouvisse algum acorde de música negra vindo daquela casa. Isso já fazia alguns meses. Masturbava-se todos os dias e, inclusive, tinha cancelado os canais pornôds da TV a cabo, porque nenhuma daquelas cenas poderia chegar a ser remotamente como o que via ao vivo diariamente. E queria mais é que o moralismo idiota de Guilherme se fodesse.

3.

Joaquim teve de admitir que a chegada iminente dos 40 anos tinha afetado sua visão. Como achava que óculos não combinavam com ele, foi ao oftalmologista e explicou, da maneira que pôde, que não estava enxergando de longe e que queria mais nitidez. Tinha ali um tantinho de miopia. Fez uma lente de contato e comprou binóculos caros, que pareceriam belos e arrojados itens de decoração. Assim, ficou mais fácil observar Helena.

Chegou a descobrir, por exemplo, que ela possuía três pintas na

parte interna da coxa e que o que ele antes achava ser uma pinta ou mancha nas costas, era uma tatuagem. “Jai Guru Deva Om”, na costela, onde ficava o sutiã. Tinha dias tristes em que ela entrava só no chuveiro, mas, em sua maioria, entrava na banheira, invariavelmente, antes de dormir, e ficava aquela meia hora brincando consigo, ouvindo música e relaxando. Exigia disciplina.

Joaquim ficou satisfeito de ter investido em lentes e binóculos, pois conseguia vê-la muito melhor agora e, quanto mais via, melhor se masturbava. Tinha se tornado algo realmente divertido. Mas ele poderia parar a qualquer momento se quisesse. Tinha tentado alguns dias, tinha se atrasado e perdido o começo, até. Mas se pegou pensando que apenas a observava, apenas fantasiava e que “apenas” não constitui nada grave.

Cogitou tratar-se de algo doentio e descontrolado. Mas enxergava a si mesmo como alguém comedido e equilibrado. E um homem nestas condições podia ter hobbies. Convenceu-se a partir de uma simetria: se todo homem que joga tênis e o faz diariamente para desestressar é saudável e normal, ele, que tocava uma para a vizinha todo dia, também o era. Fim da paranoia.

Aliviado com sua autoatestada sanidade, algo novo ocupou sua mente. Com seus equipamentos de espionagem, notou que ela usava sempre sabonetes de glicerina sem embalagem e com pedaços de rosas, frutas e flores no meio. Decidiu que ia descobrir qual cheiro tinham.

Conversou com o porteiro, perguntando se conhecia alguém que vendesse sabonetes caseiros no condomínio. O porteiro disse que Mazé, a faxineira, fazia sabonetes e velas para tirar um extra e que eram de muita qualidade e mais algumas informações que Joaquim nem ouviu. Procurou a tal Mazé no dia seguinte e fez algumas encomendas: lírios, cheiros cítricos e frutas vermelhas. Ela achou meio exótico e disse que ia ficar mais caro. Exausto, ele jogou umas notas de cinquenta que tinha no bolso e pediu que ela fizesse tudo em sabonetes.

A encomenda ficou pronta em uma semana e ele começou, então, a pensar em como faria com que ela usasse os sabonetes que ele queria. Os cheiros eram escolhidos por ele. Por isso, seria como se Joaquim tivesse ele mesmo passado a controlar o odor que ela exalava. Sua fantasia seguia ficando cada vez mais precisa. Ia aproveitar o tempo que tinha agora para buscar vinis de blues e jazz online. Terminaria os relatórios de manhã, antes da reunião. Helena nem saberia, mas estaria fazendo o show cada vez mais interessante e cada vez mais só dele.

4.

Até que, então, ela não entrou sozinha no banho. Joaquim só escutou a bateção de portas na casa e ela entrou acompanhada por alguém no banheiro. Já estava sem sapatos, com a meia calça rasgada e irregular, a saia social aberta, sem o casaquinho e, com o binóculo, o vizinho confirmou que alguns botões de sua blusa não estavam ali, por isso estava aberta. Ela correu para o banheiro e abriu a torneira. Instantes depois, um homem alto e bonito chegou por trás dela, a agarrou e pressionou contra os azulejos da parede. O tal homem a segurava com

força e a apertava de forma que Joaquim via os lábios dela se abrirem pra gemer. Puxava-lhe os cabelos e ia arrancando-lhe e roupa, a saia, tudo. Deixava marcas vermelhas pelo corpo da mulher que se agarrava a ele com força, extasiada. Nus, entraram na banheira agora cheia e transaram durante um tempo quase infinito para Joaquim, que estava profundamente entediado. Não que a performance em si estivesse ruim. Inclusive, notara que o tal homem transava muito bem: apertava, chupava, lambia, olhava, falava ao ouvido e Helena parecia em um absorto frenesi de quem dá uma trepada fenomenal. Mas o pau de Joaquim não subia nem com reza brava. Ele puxou pra um lado, esfregou para o outro, provocou todo tipo de espasmo desconfortável de uma punheta com pau mole e, de mau humor, desistiu. Pensou em fumar mais uns cigarros e se deu conta de que seu maço, comprado antes do trabalho, havia acabado. Quando tudo teve fim, Joaquim finalmente viu o rosto de quem tinha cortado seu barato. Estava puto e ia tirar satisfação no dia seguinte.

- Bom dia, Guilherme. - seu tom de voz saiu forçadamente espontâneo. Guilherme não era bobo.

- Ih, que foi?

- Ué, só dei bom dia.

- Bom dia. - Guilherme estava de cachecol e blazer, coisas que só quem trabalha no Marketing podia se dar ao luxo de usar. Que conveniente.

- Que frio que você tá, hein? - Guilherme coçou o pescoço, indicando, como Sherlock observaria, que havia algo a ser escondido ali. Claro que podia ser uma alergia ao pano, certo calor ou uma simples picada de pernilongo. Mas Joaquim sabia que era Helena quem tinha deixado as marcas nele.

- É só estilo. - ele respondeu. *Filho da puta deve estar com uma marca enorme de chupão no pescoço.* - Desculpa, tem algo que você queira falar em particular? Eu tenho que ir pra uma reunião. - *Sim, por que você miou minha punheta ontem? Vai trepar com outra!*

- Não. Vai almoçar? - Guilherme já estava distante e fez que sim com a cabeça e indicou que sim com a mão, despreocupado e leve.

Joaquim tentou entender seu próprio incômodo e chegou a se forçar no pensamento de que estava apaixonado, de que era ciúmes. No fim, horas mais tarde e relatórios enviados de qualquer jeito depois, percebeu que teria que tirar a prova dos nove. Ia chamar Helena pra sair.

Montou sua estratégia: ia bater na porta, dizer oi, ser muito simpático e brincar que a faxineira do condomínio tinha feito sabonetes a mais e que, como eram artesanais e ela sempre saía muito elegante, queria ver se ela estava interessada. Depois, ia chamá-la para um jantar – talvez o Fellini, era uma cantina italiana que não era opressora para possíveis não-casais. E lá, então, ele decidiria.

Comeu as unhas, não almoçou, enviou os relatórios como estavam, sem revisão mesmo e fumou quase um maço de cigarros só a tarde. Estava preocupado e com muita energia acumulada.

Chegou em casa, se arrumou, despenteou o cabelo, para parecer menos certinho – afinal, quem gosta de Guilherme, não gosta de gente

engomada -, colocou uma polo, um blazer e mocassins. Ficou atento a cada reação sua quando tocou a campainha para puxar papo com a vizinha. Abriu um sorriso e a encarou. De perto, não era bonita. Já sentiu o golpe da primeira frustração. Daí, discretamente, coçou o saco.

- Oi, Joaquim. Pois não? - ela disse, com voz séria. Estava com a roupinha de executiva, só sem os sapatos de salto. Ela usava óculos, também. A calça preta, o lenço no pescoço e os óculos de armação dura a transformavam em um gigantesco figurino clichê de secretária pornô. Ou em uma executiva séria, como as com quem trabalhava.

- Ah, oi. Bom, na verdade eu vim aqui para perguntar se você aceita um presente. - ela ergueu uma sobrancelha. Agora, parecia uma daquelas feministas universitárias. Joaquim foi se vendo com raiva. - Não, é que...bom, eu encomendei sabonetes artesanais da Mazé e ela fez muitos a mais. Já presenteei muitas pessoas e, bom, como você claramente é uma mulher elegante, imaginei que ia gostar também desse aqui de rosas. - Helena o encarava surpresa e desconfiada. Nem as gaguejadas propositais de Joaquim eram capazes de convencê-la de que aquele vizinho que mal lhe dava "Bom dia" era gentil e educado daquele jeito.

- Obrigada, mas é que eu já tenho os meus cheiros favoritos. Agradeço os elogios e o presente. Mas não posso aceitar. - Joaquim ficou abismado. O silêncio que se fez entre o que ele pensou em responder, mas não disse, foi o suficiente para que ela encostasse um pouco a porta e perguntasse - Mais alguma coisa? - ele só fez que não e foi saindo. Aquela vergonha toda pelo menos tinha o feito perceber uma coisa: não estava apaixonado porra nenhuma e nunca sairia com uma mulher daquela. Ainda assim, torcia para que Guilherme parasse de transar com ela. Queria se masturbar em paz. E, no ponto em que estava atualmente, voltar a dormir uma noite toda seria bom também.

5.

Tudo levava a crer que Guilherme tinha gostado de transar com ela tanto quanto ela tinha gostado de transar com ele também. Joaquim achava tudo aquilo uma merda. Sentia dores de cabeça diárias e tinha suores noturnos por causa daqueles dois. Nas semanas seguintes, ele estava ali com frequência crescente e, em algumas noites, ela chegava, se trocava e ia embora, sem tomar banho e sem voltar pra casa. Joaquim entrava em parafuso. Estava fumando quase dois maços de cigarro diariamente e não havia maneira de se masturbar para aliviar a tensão. Chegava a pingar suor durante o dia, pensando no que havia sido tirado dele. Sonhava que tinha se masturbado e que Helena estava tomando banho e que usava o sabonete que tinha encomendado especialmente para ela. Se ela agora era algum tipo de namorada de Guilherme, seria errado que agisse assim? Ele, honestamente, não se importava. Só queria a coisa toda resolvida.

No trabalho, Guilherme seguia rigidamente sua ética de não contar com quem transava. A única possibilidade de isso ser rompido era que ele assumisse Helena como namorada. Joaquim duvidava que Gui, que era tão livre e desimpedido e amava agarrar-se a possibilidade de transar

com quantas pessoas pudesse na vida, ia se amarrar naquela mulherzinha sem graça que era sua vizinha. Só que precisava garantir. Levou os sabonetes embalados para o trabalho. Durante um almoço com o amigo, puxou o assunto.

- Olha, eu sei que você tá de enrosco com alguém. - Guilherme ergueu os olhos e seguiu comendo seu salmão. - E, bom, a faxineira lá do condomínio faz sabonetes artesanais. Eu comprei um monte, sabe, pra ajudar. E aí to distribuindo pras pessoas e pra quem quer dar de presente.

- Nem parece você falando. - Guilherme riu e Joaquim só ficava mais inconformado com a existência daquele casal. Sentiu-se fazendo um favor ao amigo.

- Que engraçado. Bom, eu tenho aqui lindos sabonetes artesanais de rosas. Se você quiser, leva de presente pra sua menina aí. Ou pra sua mãe, irmã, sei lá. - Guilherme olhou um pouco aquele cenário e pegou os sabonetes. Joaquim sorriu e continuaram conversando.

Naquela noite, Guilherme tinha ido à casa de Helena. Estavam jantando, rindo e conversando, típico ritual pré-sexo. Joaquim só observava da janela, ansioso. Gui, então, abriu sua pasta e entregou o presente: sabonetes artesanais de rosas. Helena ficou séria e, de repente, olhou exatamente na direção em que Joaquim estava. Tinha sido flagrado? Ela deu uma risadinha, falou algo com Guilherme, que ficou ainda mais sério. Continuaram jantando e ele foi embora. Helena só foi deitar. Nada de punheta pra Joaquim hoje. Ele deu um murro na porta, e só conseguiu ficar com os dedos roxos.

No dia seguinte, no trabalho, não viu Guilherme. Estava satisfeito, mas tenso. Sentia que suava nicotina de tanto que já tinha fumado naquela manhã. Claro, ele não tinha ideia de que teria um almoço tão alvoroçado com Guilherme. O amigo estava sentado numa mesa bem distante do refeitório e Joaquim se aproximou.

- Achei que você não tinha vindo hoje. - Guilherme ergueu a cabeça e olhou muito sério para Joaquim, que nada entendeu. Ia se sentando com o prato para almoçar com o amigo, quando foi abruptamente interrompido por um tapa forte na mesa.

- Não se atreva, seu filho de uma puta.

- Tá maluco, Gui?

- Tô. Tô louco pra caralho! Chega perto de mim de novo pra você ver a merda que vai dar. - Guilherme estava de pé, com o dedo na cara de Joaquim. O refeitório tinha parado para olhar os dois e tudo o que viram ou entenderam foi que um, mais bonito e jovem, furioso e outro, encurvado, velho e cheirando a cigarro, lívido de choque.

- Que é isso, Guilherme? - puto, Guilherme puxou Joaquim pela gravata e falou, baixinho, entre dentes.

- Eu já sei. Sei que a Helena é a mulher que você espiou aquela vez e que continua espiando. Você é nojento, um podre. - Joaquim ficou calado. O refeitório dispersou diante da impossibilidade de acompanhar a fofoca.

- Eu não sei do que você está falando.

- Cala essa porra dessa boca. Como será que antes de ontem o vizinho dela, que também se chama Joaquim, foi entregar uns sabonetes

de presente e ela recusou, já sacando de leve que você é um doente. E aí, depois, por coincidência, Guilherme também me oferece os mesmos sabonetes pra dar pra ela?

- Você tá saindo com a minha vizinha? A Helena estranha? - Joaquim tentava se reerguer a todo custo na conversa. Guilherme puxou a gravata mais forte e Joaquim quase engasgou. As pessoas ainda olhavam de soslaio a discussão sussurrada.

- Fui um idiota. Não sabia que você morava lá, não tinha ideia que você... Tinha esquecido que você é um abusador ridículo que fica se masturbando enquanto a vizinha toma banho. Não é isso? Joaquim, você continua olhando ela. E tá putinho por que a gente tá junto e aí arquitetou uma situação...

- Ela é só um casinho seu, não precisa ficar com ciúmes e...

- Você não sabe porra nenhuma do que eu e ela somos! Você não vai se safar dessa, cara. Não vai mesmo.

- Você tá me ameaçando, Guilherme?

- Cara, desaparece da minha frente. Nunca mais fala comigo. - dito isso, soltou o amigo e voltou ao almoço. Joaquim caminhou de volta até sua sala com uma coisa apenas em mente: agora, ela ia voltar a tomar banho sozinha.

6.

Joaquim chegou em casa cedo para dar de cara com a casa inteira de Helena escura, fechada. Sentiu o coração acelerar e teve tremedeira nas mãos. Ia acender um cigarro com as mãos trêmulas e viu que havia uma viatura um pouco para baixo da casa de Helena. Boquiaberto, tentando parar de suar e relaxar os músculos, viu uma policial caminhar até ele.

- Sr. Joaquim Mendes? - ele fez que sim com a cabeça, ainda lutando para acender o cigarro. - Preciso que o senhor me acompanhe até a delegacia. Recebemos uma denúncia da sua vizinha e gostaríamos de averiguar.

- Denúncia? Que denúncia?

- Ela alega que o senhor a tem observado em momentos íntimos e que a perseguiu.

- Que absurdo. Olha, isso não faz sentido. Você já olhou bem a cara dela? Que é que eu ia ganhar olhando ela tomar banho? - Joaquim tentava a todo custo acender o cigarro, mas a mão suada e trêmula vencia a batalha com folga.

- Ninguém falou nada sobre banhos, senhor.

- O quê?

- Ninguém disse que era observando o banho. - Joaquim arregalou os olhos e seguiu com os policiais, rendido.

Não saberia contar a ninguém o que aconteceu na delegacia. Ligou para o advogado com quem sua família sempre mantivera contato, e só percebeu que estava livre alguns dias depois. Foi um vazio temporal que preencheu sua memória do fundo do poço a que chegara.

Logo que voltou a trabalhar, tentou se manter normal, firme. Mal se sustentava sobre as pernas, sensação que só piorou ao encontrar sue

coordenador e o gerente de RH em sua sala quando retornou ao trabalho.

- Peço desculpas pela ausência nos últimos dias. Tenho sido difamado por uma vizinha e tudo já está voltando aos conformes.

- Joaquim, nós viemos por que estamos preocupados com você. Nos últimos meses, notamos que você tem fumado muito, tem parecido sempre exausto, tenso e cansado - começou João, do RH.

- E tem cometido erros absurdos nos relatórios. - disse, com severidade, Cléber, seu chefe. - Tentamos contornar até onde dava. Mas o problema é que agora não é só uma suspeita de que você usa drogas e está sempre em abstinência. - Joaquim engoliu em seco. Olhou para si mesmo no reflexo do vidro e notou-se descabelado, com olheiras profundas e suado, às 8 e meia da manhã. Percebeu-se consumido e cansado, vencido e abatido.

- Além disso, colaboradores confirmaram que a denúncia à qual você responde não se trata de difamação. - *Guilherme filho da puta*. - Infelizmente, nós não teremos como mantê-lo em nosso quadro de funcionários. - Joaquim sorriu ironicamente e assentiu. - Vamos assegurar que você receba tudo o que tem direito para custear suas novas despesas e...

- Dinheiro não é problema pra mim. Eu sou um Mendes de Vinhedo, seus merdas. Foda-se. - pegou apenas o souvenir de Paris, que mantinha como peso para papel na mesa e saiu da sala. Deixando João e Cléber embasbacados.

Caminhou até a frente do Marketing, onde Guilherme trabalhava sorridente e alegre, parecendo feliz e saudável. Quando o ex-amigo ergueu os olhos, Joaquim mostrou-lhe o dedo do meio, que manteve erguido até que não pudesse ser mais visto ao caminhar para fora da empresa.

Passou em casa para buscar algumas coisas e ia embora para um dos apartamentinhos que tinha comprado como investimento. Seu advogado tinha recomendado que não ficasse instalado na antiga casa e que, inclusive a vendesse. Ele achava melhor não ficar. Estava no limite e se visse Helena seria capaz de dar um murro na cara dela. A última coisa que precisava agora era ser enquadrado em flagrante pela merda da Lei Maria da Penha.

7.

Os meses foram se passando, o processo corria na Justiça e Guilherme já estava recolocado no mercado. Outra empresa, contato de seu advogado, o havia contratado. Tinha parado de fumar de novo, estava malhando e tinha comprado um apartamento grande, com varanda gourmet e mais compacto para viver anonimamente. Nem dava bom dia para os vizinhos. Queria que todos fossem à merda.

A boa notícia da semana era que sua casa tinha, finalmente, sido vendida. Ia passar lá para pegar as últimas coisas, umas correspondências e fim do inferno. Nunca mais pisaria naquela merda de condomínio.

Chegou em casa e viu que a casa de Helena, ao lado, seguia igual, o

que indicava que ela não tinha se mudado. Evitou pensar mais do que isso na vizinha. Havia conseguido, finalmente, voltar a sua vida sexual normal e não precisava ficar, de novo, naquela obsessão.

Retirou de casa o que precisava, e passou na portaria para pegar as correspondências. Aliviado, voltou ao seu apartamento e ficou sentado na varanda, tomando uma cerveja e olhando o esplendor do condomínio. Deu uma checada nos envelopes: mala-direta, multa de trânsito que ele não ia precisar pagar, condomínio para passar para o próximo morador. E tinha um envelope maior, mais grosso. Abriu e, dentro, havia um DVD de *"Janela Indiscreta"*, de Hitchcock. Ficou sem entender e notou que o envelope não tinha remetente. Abriu a embalagem para dar de cara com um bilhete mínimo, escrito com uma diminuta fonte Arial Narrow. "Foi bom pra mim também.", dizia. Ele se levantou e releu o bilhete por várias e várias vezes. Quando não havia mais como não aceitar ter entendido, ficou andando de um lado para o outro na varanda. Puto, Joaquim apoiou-se na grade, ficou olhando o lado de fora, sem olhar nada específico, além da outra torre a sua frente. Batia os dedos, nervoso. Estava quase não aguentando de vontade de ir até o armário e pegar o maço de cigarro que mantinha guardado, só para o caso de precisar.

Foda-se - falou. Pegou o cigarro no armário e acendeu.

Foi quando estava fumando seu terceiro cigarro que percebeu uma luz se acendendo no banheiro da torre da frente. Uma moça negra, linda, com seu cabelo afro, estava chegando em casa e tirava a roupa, enquanto falava ao telefone. Joaquim sorriu e soltou a fumaça vagarosamente pelo nariz. Ele não ligaria de quebrar mais uma promessa.

CECILIA GARCIA MARCON é formada em Letras e Linguística pela Unicamp e pós-graduada em Jornalismo pela PUC-Campinas. É professora, escritora e realmente acredita que o poder das palavras é o único capaz de mudar o mundo. Ama o ofício, pois é viciada em adrenalina.



AGORA UMA QUE CONTO PRA TODO MUNDO.

VOCÊ É TAXISTA E TÁ NA MAIOR MORAL DIZENDO QUE É INDEPENDENTE,
NÃO TEM CHEFE, NINGUEM MANDA EM TI E COISA E TAL.

DAÍ VEM UM PASSAGEIRO E ACABA COM TUDO.



VIRA A DIREITA.

E O QUE VOCÊ RESPONDE?



SIM SENHOR,
É PRA JÁ.

MAS SABE COMO É, NÊ?

É DEUS NO CÉU E NICO COM SEU CORCEL.

TEM AQUELES CLIENTES QUE TE MARCAM. SÃO FIRMEZA.

COMO VAI,
NICO?

A CADA DIA, MAIS
BONITO, PATRÃO.
A ESSA HORA AINDA
TRABALHANDO?

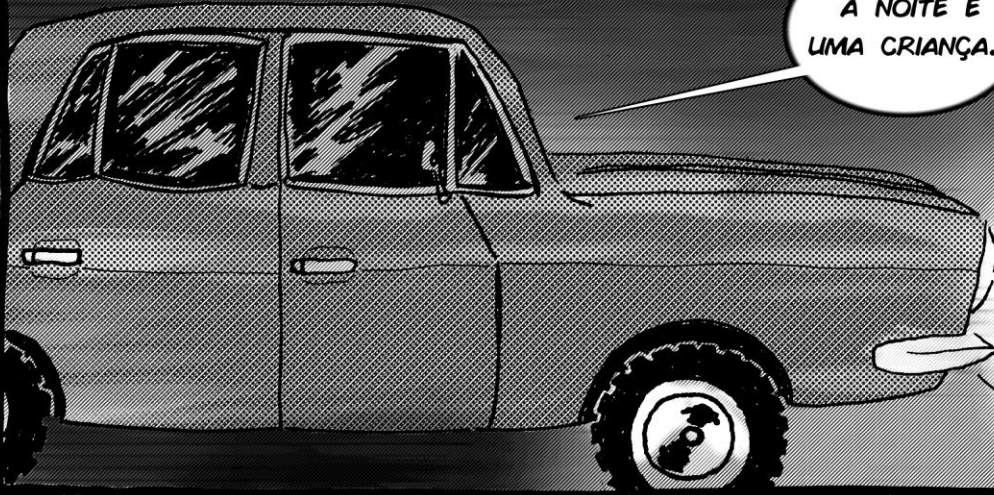
ALGUÉM TEM QUE DAR
AS CARTAS, NÃO?

QUASE ESQUECI
QUEM MANDA.
LUGAR DE SEMPRE?

VOCÊ APRENDE RAPIDO.
NADA COMO UM POUCO
DE DIVERSÃO.

A NOITE É
UMA CRIANÇA.

PREFEITURA
MUNICIPAL



ROTEIRO: Vilto Reis

ARTE: Valter do Carmo Moreira

O DEUS DO MEU TÁXI

LIMA, NÃO.
VÁRIAS CRIANÇAS.






NEM TUDO CHEIRA TÃO BEM
FEITO GASOLINA NESTA VIDA.

FOI MELHOR
HOJE?

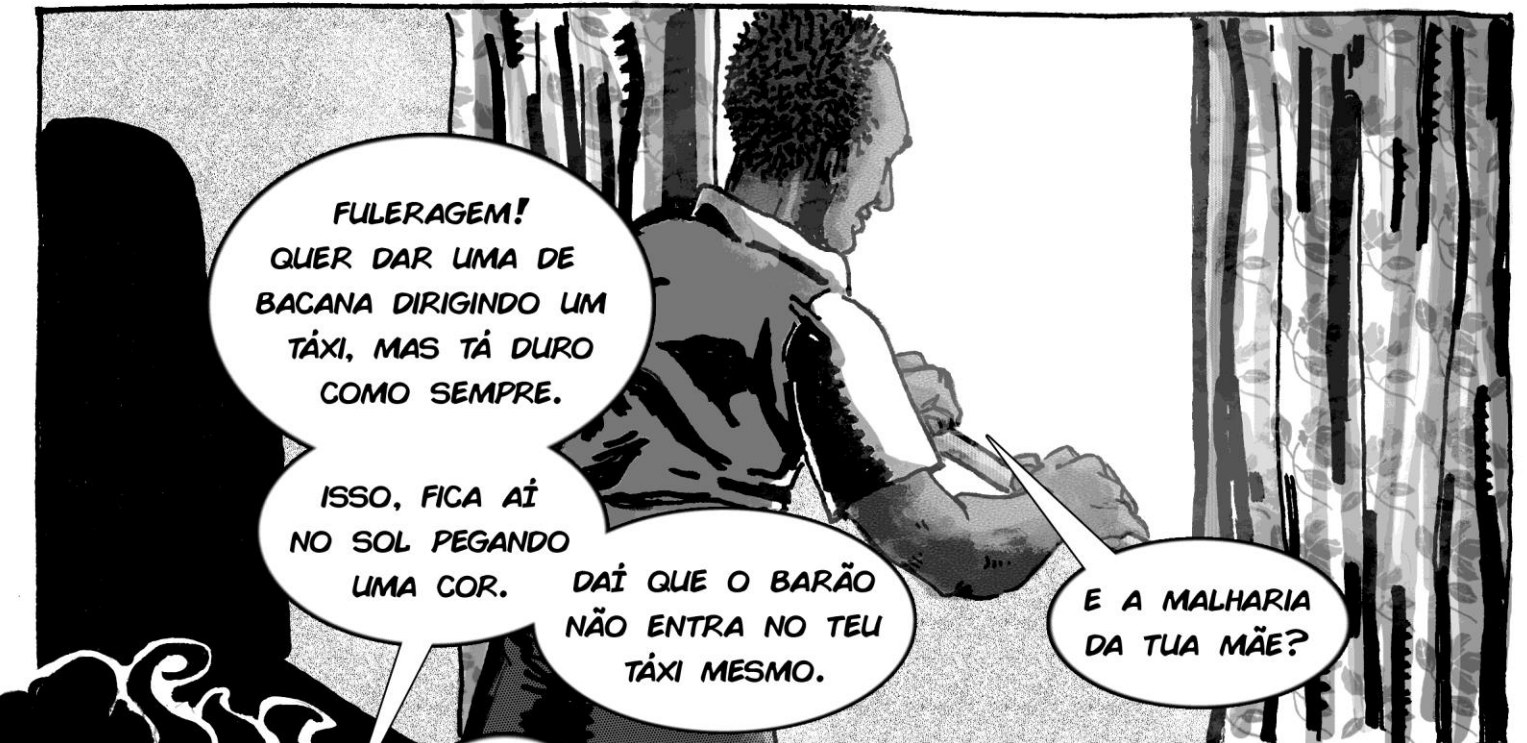
NADA.
TÁ DIFÍCIL,
MARINA.



PENSOU NO
QUE FALEI?



O QUE
ERA MESMO?
TÁ BATENDO UMA
CANÇEIRA.



FULERAGEM!
QUER DAR UMA DE
BACANA DIRIGINDO UM
TÁXI, MAS TÁ DURO
COMO SEMPRE.

ISSO, FICA AÍ
NO SOL PEGANDO
UMA COR.

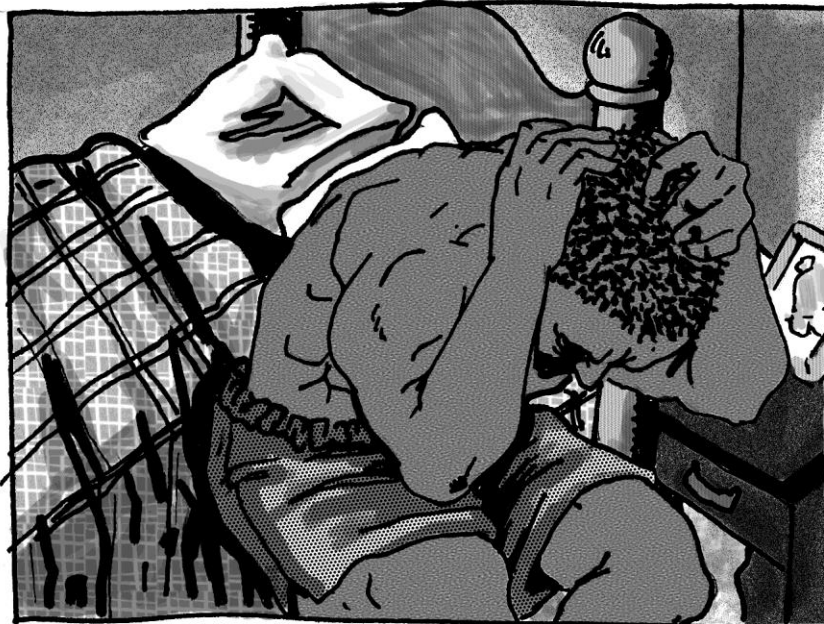
DAÍ QUE O BARÃO
NÃO ENTRA NO TEU
TÁXI MESMO.

E A MALHARIA
DA TUA MÃE?

POUCO
TRAMPO.

EMPATAMOS ENTÃO
MARINA. CHEGA!

NÃO QUERO
BRIGAR. YOU
DORMIR.





VOCÊ DORME. ACORDA. É NOITE.

VOCÊ SACA UM SORRISO DO SACO DE SUPERAÇÕES E SEGUE COM A VIDA.

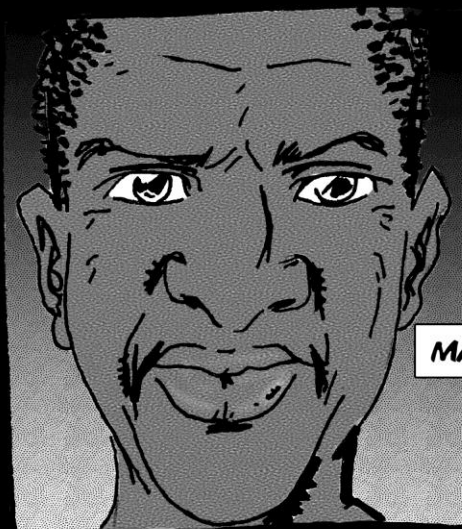


CLIENTES.

DE TODOS OS TIPOS...



...ENTRAM E SAEM.



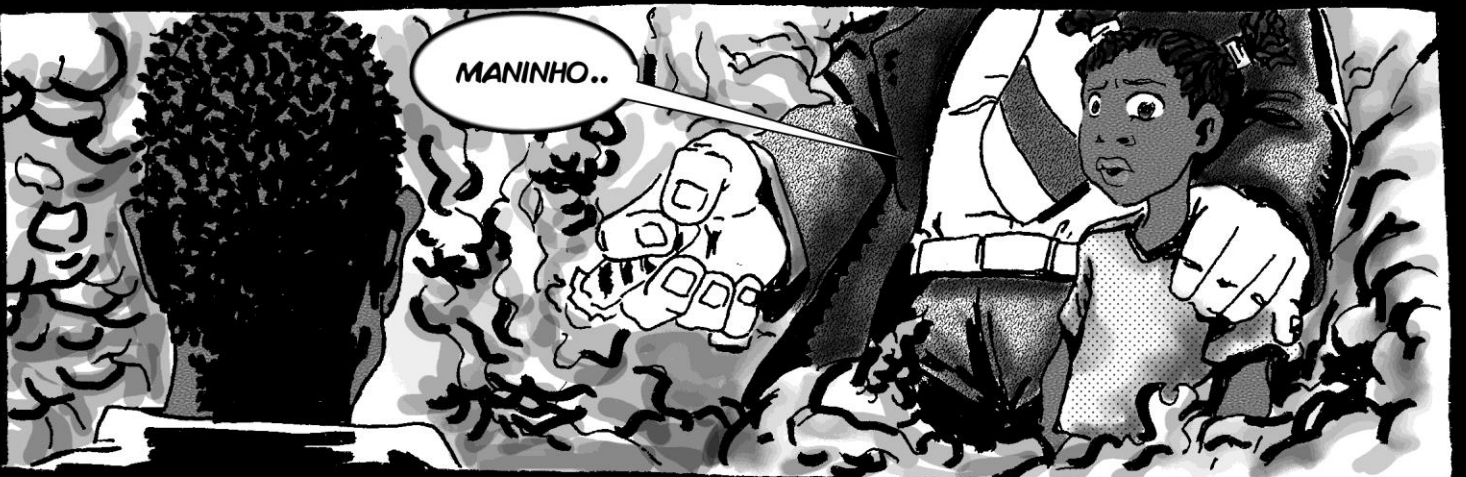
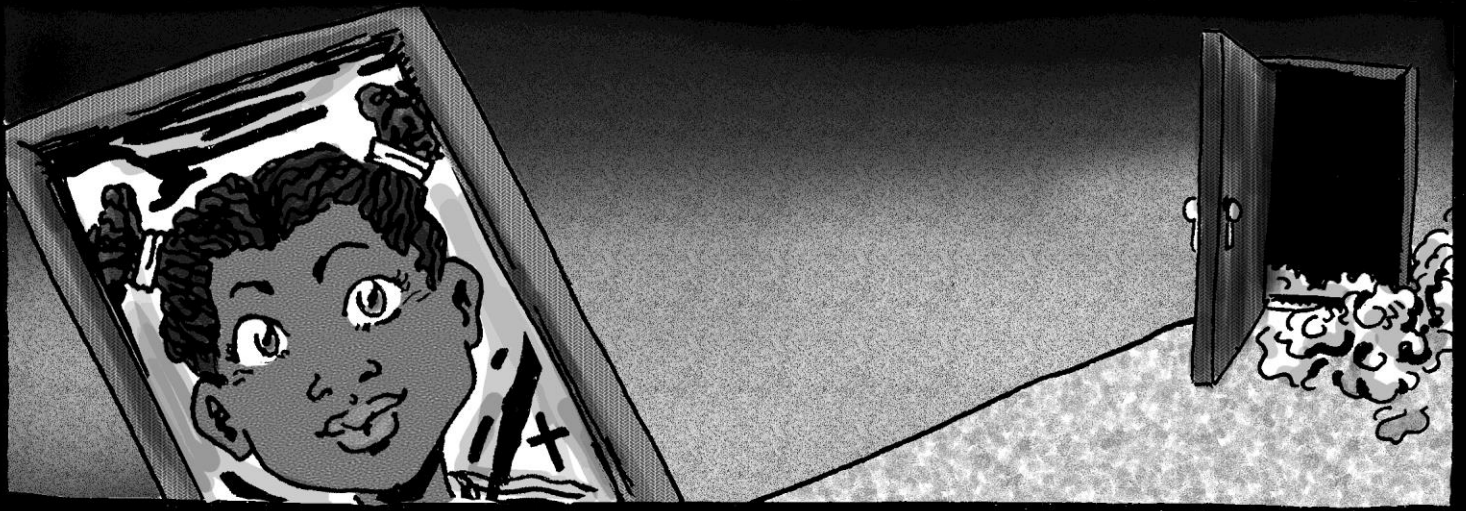
MAS EM ALGUM PONTO DA NOITE...



VOÊ SABE QUE ELE VAI TE CHAMAR.









HOJE TEM,
HEIN, NICO?

NÃO QUER PASSAR EM
NENHUM LUGARZINHO
ANTES, PATRÃO?



PRAZER EM TE
CONHECER, HE-HE.

PRAZER?



ESPERO QUE
GOSTE.

FILÉ COM AMÊNDOAS
E GELÉIA, NADA MAL,
QUERIDA

GOSTOSA.
A GELÉIA.

DE ONDE FOI QUE ELA
TIROU DINHEIRO?



DIZ QUE ESSE PRATO
É AFRODISÍACO.

GOSTOSA?



**TEMA DA PRÓXIMA EDIÇÃO:
OBSESSÕES SEXUAIS/ WOODY ALLEN**

Amor e sexo, dois lados da mesma moeda, talvez do mesmo problema. Quem entende todo o espectro de emoções, inseguranças, frustrações que envolvem uma relação amorosa?

Poucos cineastas retratam tudo isso de forma tão realista (e até engraçada) como Woody Allen. E, claro, ele é o homem-referência da próxima Pulp. Portanto, assistam *Annie Hall* (1977), *Manhattan* (1979), *A Rosa Púrpura do Cairo* (1985), *Vicky Cristina Barcelona* (2008), *Meia-noite em Paris* (2011) e *Blue Jasmine* (2013), entre outros filmes desse gênio.

E escrevam. Escrevam como se dependesse disso seu próximo orgasmo.

Esperamos pelos contos. Sejam legais.

